Revista da Semana

ANNO XXIX
N.° 20
5 de Maio de 1928

A VIDA SOCIAL MODERNA
exige um tratamento es=
pecial para conservar a
agilidade e a plena rigi=
dez dos nervos.
A Dama Do Nosso
Grande Mundo, depois
d'um baile prolongado
até a alvorada, agrega
ao seu banho uma dose
tonificante da
LEGITIMA AGUA DE
COLONIA N. 4711
e logo, rejuvenescida,
dedica=se ao tennis ou a
outros desportes sau=
daveis.
N.º 4711.
Eau de
Cologne

ESTA REVISTA CONTEM 44 PAGINAS

ANNO XXIX | Rio de Janeiro, 5 de Maio de 1928 | NUMERO 20

Tendo lido, de manhã, no "Jornal do Commercio" que para aquelle dia se annunciavam dez ou doze conferencias litterarias, scientificas e outras, o reporter Maximo Agudo resolveu ir entrevistar um dos indigitados intellectuaes, escolhendo para isso, naturalmente, o de mais confiança:

O REPORTER, *entrando na bibliotheca-escriptorio do conferencista* — Peço mil perdões... Venho talvez interrompel-o em pleno trabalho...

O CONFERENCISTA, *á sua escrivaninha e arrumando para o lado uma immensa papelada* — Não. Chegou até muito a proposito. Acabava agora mesmo de desenvolver um dos pontos da minha conferencia e ia descansar um bocado. Palestrando, descansarei muito melhor. Sente-se. Fuma?

R. — Pois eu vinha por causa dessa já tão famosa conferencia...

C. — Seriamente, falla-se nisso por ahi?

R. — Não se falla noutra coisa. Nunca vi interesse egual. Além do mais, não temos tido ultimamente conferencias...

C. — Poucas, realmente.

R. — Quasi nenhuma. Podem se contar até pelos dedos. No Instituto Historico, por exemplo, quantas se fizeram a semana passada? Cinco ou seis apenas. Na Associação Cristã de Moços, a mesma coisa ou pouco mais. E na propria Biblitoheca Nacional, quando ha á tarde, não ha á noite. Já vê o senhor...

C. — Não tinha pensado nisso. Mas é facto. Em materia de conferencias, atravessamos uma crise....

R. — Deploravel, deplorabilissima. E seria o caso de perguntarmos onde iriamos parar, se o senhor se não lembrasse de dar este exemplo providencial.

C. — O amigo confunde-me... Mas tem razão, é isso mesmo.

R. — E diga-me: Segundo os jornaes, o senhor escolheu para thema: *A Historia da Carochinha*...

C. — Justamente.

R. — Não acha, porém, esse assumpto um tanto... restricto?

C. — Ao contrario, vastissimo! Direi até infinito!

R. — Não se trata então da Historia da Carochinha que eu conheço.

C. — Porque?

R. — Porque esta, quer como extensão quer como interesse, me parece insufficiente para uma conferencia. Leva cinco minutos a contar e ainda, a maior parte das vezes, as proprias creanças adormecem antes do fim...

C. — Engano, engano... Ora, imagine o amigo que eu começo por decompor o proprio titulo da conferencia. A Historia da Carochinha... Historia... Que é Historia? Temos a Historia propriamente dita, depois, a antiga, a da Edade Media e a moderna, a de Cesar Cantu... Conhece a Historia de Cesar Cantu?

R. — Tenho a visto em varias estantes...

C — Quer dizer, ignora-a da primeira á ultima linha. São trinta e dois volumes.

R. — Mas o senhor não vae lel-a toda!

C. — Está claro que não. Faço um resumo, de maneira a dar a ideia geral... Em seguida, occupome da Historia do Brasil e especialmente da do Rio de Janeiro. Tamoyos, Ararigboias, Estacio de Sá, etc. E volto á simples palavra Historia. Levo alguns momentos a explicar o que se deve entender por Historia Natural. Mas isto é apenas um ponto de passagem para as historias... artificiaes. Abordo o conto, a novella, o romance e, por extensão, a comedia, o drama, a tragedia, o idyllio, o poema lyrico, a epopéa... Chego finalmente á lenda. E concluo, provando que só a lenda é veridica, digna de fé e tudo o mais... são historias.

R. — Bella conclusão, não ha duvida. E como fecho de conferencia...

C. — Qual fecho! Isto é apenas o primeiro ponto!

R. — Ah, bom...

C. — Passo a tratar da Carochinha. Carochinha, diminutivo de carocha. *Carocha*, nome vulgar do cárabo e antigamente *Caroucha*. Pertence á terceira ordem (não confundir com Ordem Terceira) dos insectos, os coleópteros. Esta sonora e poetica designação vem do grego, *Kholeopteros*, de *Kholeos*, estojo, e *pteron*, aza. Portanto, faço um estudo succinto da lingua grega, o que me obriga a fallar da Grecia. Celebro os seus monumentos eternos e os seus genios immortaes: Anacreonte, Pindaro, Eschylo, Sophocles, Euripedes, Aristoteles, Herodoto, Xenohponte, Platão, Aristoteles, Demosthenes, Lycurgo... (A proposito de Lycurgo, refiro-me aos nossos altos magistrados e á recente decisão do Supremo Tribunal sobre a entrada de menores nos theatros)... exalto a gloria de Homero, traço a topographia das sete cidades que disputam a honra de lhe ter sido o berço... E termino...

R. — Ah!

C. — ...termino... a parte relativa á Grecia...

R., *noutro, mas muito outro tom* — Ah...

C — ... com uma saudação ao seu representante diplomatico nesta capital. *Kholeos*, estojo; *pteron*, aza! Deixemos o estojo. Mas a aza! O mundo que vôa! O mosquito zumbidor e portador de molestias, a esbelta e voluvel borboleta, o alegre tico-tico, o inspirado sabiá, a pomba sonhadora e acariciante, o saboroso inhambú, a aguia magnifica, vertiginosa, o aeroplano!. Não só, porém, os insectos e as aves têm azas: os anjos tambem. E acabo...

R. — Já? Não creio.

C. —... acabo, em materia de azas, nas da imaginação. Com franqueza: Que lhe parece esta primeira parte da conferencia?

R. — Bravo! Com toda a franqueza, bravo! E quantas partes são?

C. — No plano primitivo, dezeseis. Talvez, porém, apezar do meu extremo cuidado de resumir, abreviar, me veja obrigado a incluir mais seis ou oito. Conforme o desenvolvimento natural das materias. Passemos á segunda parte.

R. — O senhor vae me perdoar... Eu sou um homem methodico ou, antes, obrigado a ter certo methodo... Ora, estou na minha hora de almoço e...

C. — Hom'essa! Mas o senhor almoça commigo. Segunda parte: A Historia da Carochinha, contada por uma preta velha, uma ama secca portugueza, uma senhora da alta sociedade, um escriptor quinhentista, um futurista e, finalmente, por mim. Começa a preta velha: "Tava a Carochinha á jinella"...

R, *bocejando irresistivelmente* — Interessantissimo. Mas, uma cousa, desculpe: A que horas almoça o senhor?

C. — Immediatamente. Assim que acabar!

R., *num tom indescriptivel* — Ah!

C. — Chamo, porém, a sua attenção para a differença dos modos de contar das pessoas citadas. O a preta velha: "Tava a Carochinha á jinella d casa della"...

R., *absolutamente sem tom nem som* — Ah..

João Luso.

SNÉGOROUTCHKA

conto de Jacques Constant

— Por que chora, menina?

Sem voltar a cabeça, a creaturinha responde-me de mau modo:

— E que tem o senhor com isso?

Está amarfanhada em cima dum banco do porto commercial, não longe do cáes onde embarcam os emigrantes.

A seus pés, inchado como um odre, está um saco de marujo, atado com uma corda. A rapariga veste uma saia de riscos vermelhos, pretos e amarellos e aos hombros um mantéo escuro. Um lenço de seda escosseza lhe cobre os cabellos negros. Está alli, encolhida, misera, sózinha, deante das ondas cor de chumbo; e ninguem faz caso della. E' a hora do almoço; toda a gente passa apressada, com o sentido na refeição bem ganha... Quem, portanto, vai reparar naquelle corpo gracil, sacudido pelos soluços?

Serei eu melhor que os outros ou apenas mais curioso? Aquella dor solitaria desperta e atrae a minha piedade. Aproximo-me do banco, digo uma palavra... E sou repellido.

No meu despeito, resolvo abandonar á sua sorte essa especie de ouriço humano, recolhido em si mesmo e prompto a ferir quem o acaricie... Nisto, a moça volta para mim o rosto em pranto... Como descrever a emoção que nesse momento me invade? O semblante que me é dado contemplar, offerece as linhas mais puramente classicas e suaves que já encontrei nesta vida. Que edade? Dezoito annos, dezeseis talvez — ou, antes, nenhuma edade definida... Aquelle rosto é a imagem da propria mocidade. O que, porém, nenhum adjectivo, nenhuma descripção podem qualificar, é o esplendor dos seus grandes olhos de aguamarinha, que através de duas lagrimas se fitam nos meus... Todo o oceano tumultuoso e doce cabe naquellas pupilas, com as armadas que naufragaram, as cidades afogados e os monstros que se movem no fundo dos abysmos...

Tão vehemente é a sensação magnetica dos seus olhos, que me dá o animo de insistir:

— Ora vamos... disse-lhe eu. — Tenciona ficar ainda muito tempo nesse banco? Não sae hoje mais nenhum navio...

— Não vim embarcar.

— Donde é a menina? Não de Cherburgo, creio eu...

— Não. De longe... De muito longe...

— Onde está hospedada?

— Em parte nenhuma.

— Donde vem?

— Do lado onde o sol se levanta...

Quero levar adeante o interrogatorio, obrigal-a a accentuar certos detalhes; mas a essas tentativas oppõe ella o silencio mais obstinado. Pergunto-lhe como se explica que ella falle tão bem a nossa lingua...

— Foram *ellas* que me ensinaram, em menina.

— Ellas, quem?

A creaturinha não responde.

— Não tem fome? Nem sêde?

— Bebi agua da fonte.

Nisto, desata a chorar. Revolve-me o coração aquelle infortunio cheio de altivez...

— Ande commigo... disse-lhe eu, o mais suavemente possivel — Vamos almoçar.

Levanta-se, põe ás costas o saco abarrotado, e segue-me docilmente. De repente, porém, detem-se, com um olhar desconfiado:

— Eu sou de raça livre, não quero tornar-me escrava de ninguem!

Deus do céo, que se passa dentro de mim, que me sinto escravo della?

***

Está em minha casa como um animalzinho selvagem que ainda se não familiarizou com o

dono. A sua installação não levou muito tempo a organizar: o sacco de aniagem contendo algumas roupas, um cobertor ás lista e um instrumento chamado balalaika, em que ella se acompanha para cantar, em voz guttural, coisas tristonhas, nostalgicas...

Ao lado do meu, fica o seu quarto onde ella, todas as noites, se fecha á chave e com ferrolho, tão pouco confia no meu respeito fraternal. E' amavel commigo, obedece a todos os meus pedidos — quanto, porém, á sua historia, á sua pessoa, sei tanto como no primeiro dia. Procedi a toda a sorte de investigações, ninguem a conhece... Não tem dinheiro, nem possue documento de especie alguma. Quando precisámos de satisfazer o questionario do hotel, passei-lhe a folha impressa e ella escreveu serenamente: "Maria Durand, nascida em Paris a 27 de Fevereiro de 1910."

Olhei-a, espantado.

— Mas é verdade isso?

— E que lhes importa, a elles se é verdade ou não? replicou ella, com uma risada.

— Mas para mim?

— Olha, chamam-me Snégoroutchka...

A unica coisa que sei positivamente é que a amo como um doido e estou prompto a satisfazer todos os seus caprichos, todas as suas exigencias.

Estava em Cherburgo, a negocios. Sou obrigado a voltar a Paris. Reflicto que o vestuario de Snégoroutchka é por demais vistoso e é necessario que ella adopte a moda franceza. Levo-a a um armazem e num abrir e fechar de olhos vejo-a transformada e tão adoptada á nova *toilette* que a mim mesmo me pergunto se a outra não seria um disfarce, uma especie de fantasia de carnaval!

Paris... Como um cicerone num museu faço a Snégoroutchka as honras da capital.

— Aqui está a Opera... Os *boulevards*... Aqui a Magdalena... Os Campos Elyseos...

No dia seguinte e nos que se seguem, levo-a aos logares de prazer, ao theatro, ao cinema, aos concertos, aos restaurants onde se ceia. Naturalmente, tenho que lhe compor um guarda-roupa importante. E eil-a que faz realçar as mais finas toilettes e por toda a parte, atrae, empolga as attenções. Parece tão familiarizada com tudo aquillo, tão á vontade nos logares de mais luxo e mais selecta elegancia que, ás vezes, chego a desconfiar não seja uma aventureira, com um passado cheio de complicações. Uma destas noites, no Diabolico, dansando com ella, ouvi um sujeito dizer a outro, em voz baixa: "Conheço esta rapariga... E' uma tal Prascovia, gatuna de hotel"

Finda a dança, procurei os sujeitos para os interrogar... Tinham-se ido embora.

No dia seguinte provoquei uma conversação mais séria:

— Snégoroutchka, não sei que pense de ti. Dize-me o que tem sido, até hoje, a tua vida...

— Esqueci tudo... Não me lembro nem do meu nome sequer...

— Escuta Snégoroutchka... E se eu quizesse casar comtigo, eu que te adoro?

Uma especie de clarão tristonho lhe passou nos olhos:

— Não deves pensar nisso... respondeu ella docemente. — Não sou livre... Um dia, alguem me virá buscar e eu partirei...

Alguem? Quem? Multipliquei as perguntas, supliquei, zanguei-me, ameacei... Não houve meio de lhe arrancar o seu segredo.

***

Passei então a ter medo do mysterio que existe na vida de Snégoroutchka. Resolvi guardal-a e desafiar o mundo inteiro a que viesse roubal-a ao meu amor.

Como assim? Então, eu andava dentro do esplendor da sua mocidade e da sua belleza, só, propriamente tinha começado a viver depois que a encontrara — e de repente havia de ficar sem luz, sem ar, sem nada? Ah! não! Entrei a vigial-a continua, incessantemente. Não a deixava sahir sem mim. Se era forçado a ausentar-me, confiava-a á guarda da minha creada que, a principio, a acolhera com mal humorada reserva, mas a quem ella conquistara tambem, com a magia da sua pessoa irresistivel...

Esta manhã acordei mais cedo, a um repique imperioso da campainha da porta... Levanteime, corri a abrir. Dei com um agente de policia. O motivo de tal visita era uma corda que elle notara, pendurada da minha sacada...

— Snégoroutchka! exclamei, numa afflicção. Com effeito, era do quarto della que a corda pendia. O quarto achava-se vasio. Em cima da mesa de *toilette*, estava, bem á vista, um bilhete, dizendo-me que a tinham vindo buscar e era obrigada a deixar-me. No guarda-roupa, nos seus logares, todos os vestidos, todas as coisas que eu lhe comprara. A creaturinha vestiu, para se ir embora, a roupa com que eu a encontrara em Cherburgo.

E então, como Snégoroutchka naquelle banco do caes, enterrei o rosto nas mãos e desatei a chorar.

JACQUES CONSTANT

A brilhante intellectual patricia sra. Rosalina Coelho Lisbôa e seu marido, sr. James Miller, no Country Club de Lima (Perú).

A ASSIGNATURA DE IBSEN

Seguindo o exemplo da França e da Allemanha, a Suecia resolveu agora pôr nos seus sellos o retrato dalguns dos seus grandes vultos, homens de sciencia, artistas, etc. E entre os sellos assim creados está o de Ibsen, cuja inauguração se marcou para o dia do seu centenario.

Até aqui, nada de original, e não teriam os philatelistas razão de se enthusiasmar. Mas o retrato de Ibsen trará por baixo a sua assignatura. E eis o acontecimento! Em nenhum sello fôra ainda gravada uma assignatura. E os philatelistas que são gente calma, methodica, conservadora, receiam outras innovações mais ou menos capazes de perturbar a harmonia dos seus albuns...

Elegancia Masculina

A ELEGANCIA HABITUAL

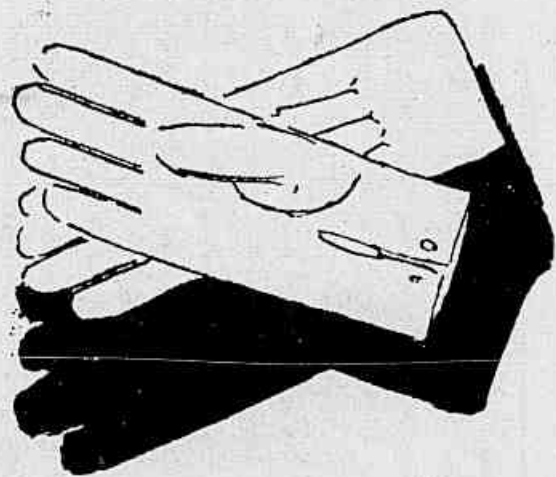
E' fóra de duvida, que um homem pode apresentar-se sob varios aspectos durante o espaço de vinte e quatro horas, no que se refere á elegancia masculina. Assim, por exemplo, poderá trajar paletó sacco, jaquetão, fraque, smoking ou casaca.

Tenho recebido de vez em quando cartas de leitores perguntando qual é a melhor maneira de fazer realçar a personalidade individual, no que concerne á elegancia habitual, á roupa que se deve vestir para ir ao escriptorio e preencher toda a sorte de occupações da vida de negocios.

Evidentemente, ha muitos equivocos em torno desta questão, se se julgar pelo que se vê nas ruas desta cidade. Se é verdade que a discreção e a simplicidade constituem as linhas mestras das modas masculinas, facil é imaginar que um homem, que dedica a mór parte do dia ao seu escriptorio, em intenso convivio social e commercial com muitos outros de varias espheras da sociedade, deve trajar-se com a maxima elegancia, simplicidade e discreção. Assim, não ha nada como os paletós saccos bem cortados, abotoados, combinando com colletes igualmente simples, camisas da moda em harmonia com gravatas elegantes, constituindo um todo

bem agradavel. As cores neste caso de maior predilecção são, sem duvida alguma, o cinzento de todos os tons e os azues escuros.

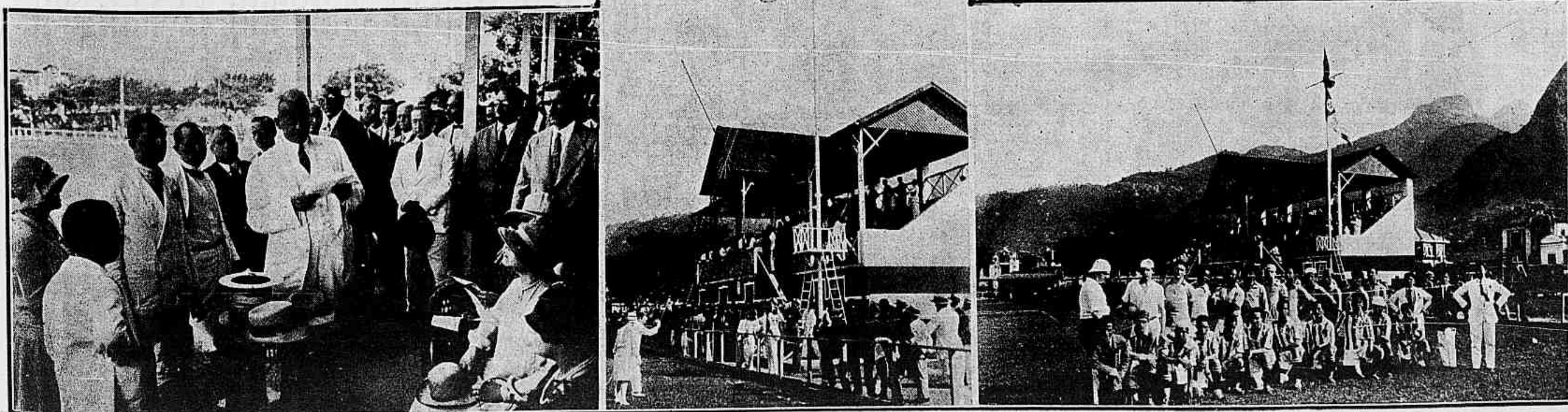
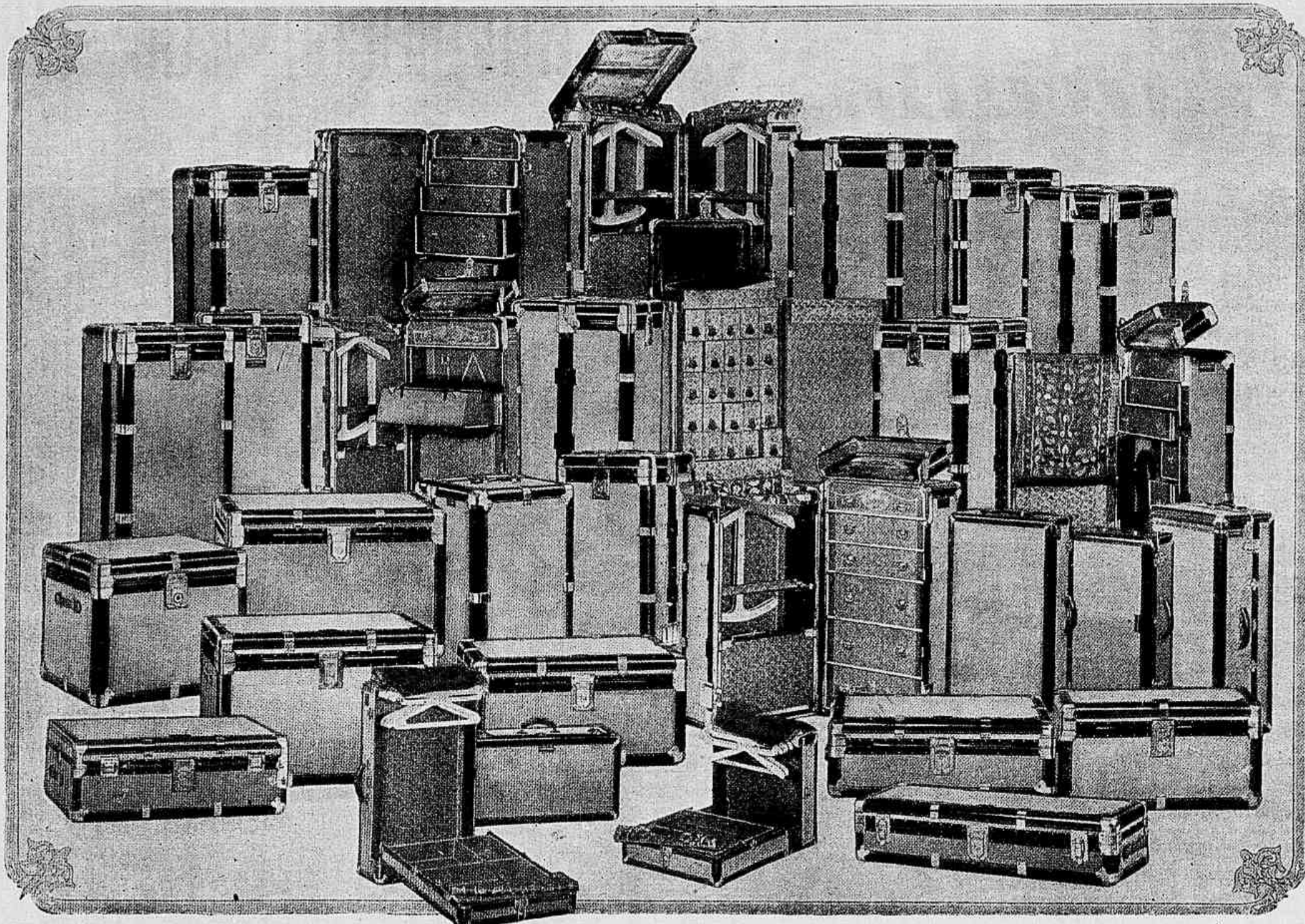
LUVAS

Não se deve pensar, ao contrario de muitos, que as luvas não tenham importancia alguma. Quando menos se espera, ellas irrompem constituindo verdadeiro enigma para a pessoa que as tem deixado de lado durante muito tempo.

Os mais bellos modelos de luvas de homem que se veem nesta cidade, continuam a ser de fabricação ingleza, porque reunem de uma maneira admiravel o util ao agradavel e o solido ao bello. São luvas de linhas geometricas admiravelmente regulares, afeiçoadas de tal maneira ao contorno das mãos, que vencem immediatamente todas as resistencias e são dotadas de um conforto que não se encontra em modelos de outras nacionalidades.

As luvas são necesarias desde que constituam um accessorio do conjunto masculino. Assim, mesmo de dia, em certas occasiões formaes, ellas apparecem e representam o seu papel com grande discreção, se bem que não sejam calçadas.

Os tons mais interessantes continuam a ser os cinzentos claros e os *suedes* de grande effeito decorativo.

Nova York, abril de 1928

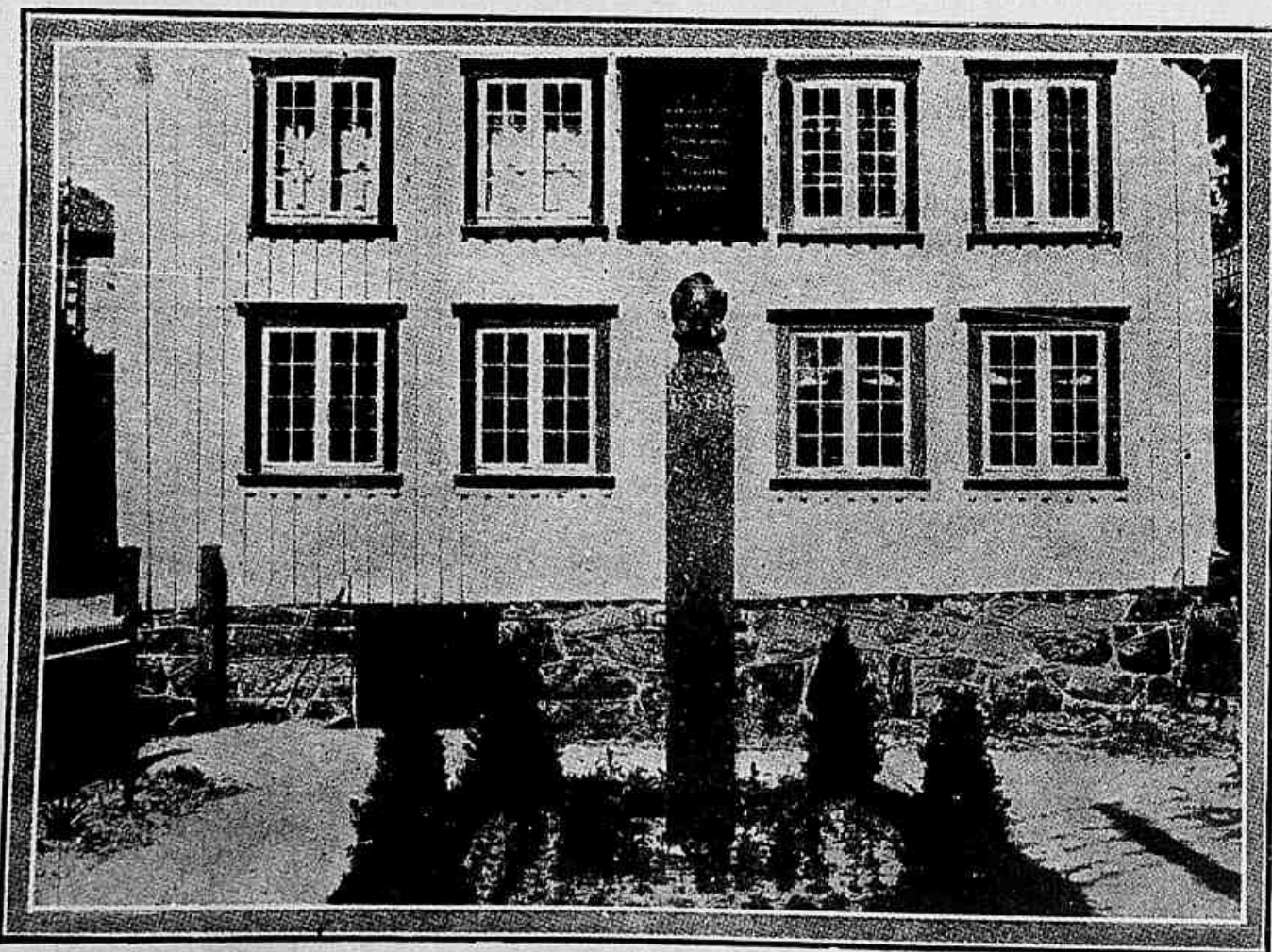
John Sullivan.

A festa inaugural do novo campo de sports da Associação Beneficente dos Empregados da Light. A' esquerda: o sr. C. A. Sylvester, fazendo o discurso inaugural; ao centro: o hasteamento da bandeira pela senhora R. H. Brown; á direita: os dois *teams* da A. B. E. L. e do Independencia, que inauguraram o novo campo.

PENSAMENTOS

As longas doenças estragam a paciencia como as longas esperanças estragam o prazer.

*

Todos os esforços da violencia não podem enfraquecer a verdade e só servem para erguel-a ainda mais.

*

Devo os successos da minha vida a ter chegado sempre com um avanço de um quarto de hora.

A casa de Henrique Ibsen em Grimstadt, transformada em Museu. No primeiro plano, o busto em bronze do glorioso dramaturgo.

AS ARVORES MAIS ALTAS DO MUNDO

O naturalista inglez Coronel Fawzett julga ter descoberto recentemente as arvores mais altas do mundo.

Acompanhado dum filho e dum amigo, o coronel Fawzett fez uma viagem de estudo no interior do Brasil. Durante quinze mezes não houve noticias dos exploradores. Só se soube delles quando um homem de sciencia, brasileiro, o sr. Courteville, os encontrou á entrada da floresta virgem. Tinham conseguido descobrir, numa região absolutamente por explorar, quente, humida e pantanosa a mais não poder, uma qualidade de arvores que se considerava desapparecida, á excepção dalguns exemplares conhecidos na Australia.

Trata-se duma especie de eucalipto, o Eucaliptus Amygdalina *que chega a attingir 130 e 140 metros de altura. O director do Jardim Botanico de Melbourne affirma que já uma dessas arvores, em Black Spear, se elevou a 160 metros. No emtanto certos estatisticistas teimam em opinar que todos esses algarismos devem estar errados, pois as mais altas arvores não ultrapassam de 100 metros.*

Os titans australianos tinham, até agora, os seus rivaes mais proximos na California, nas encostas da Sierra Nevada, onde as "arvores mammouths" — Seguoia gigantea *— attingem mais alto que os eucaliptos da Oceania. Caberá, porém, o record ás arvores do Brasil? pergunta a* Berliner Illustriente Zeitung *concluindo esta nota.*

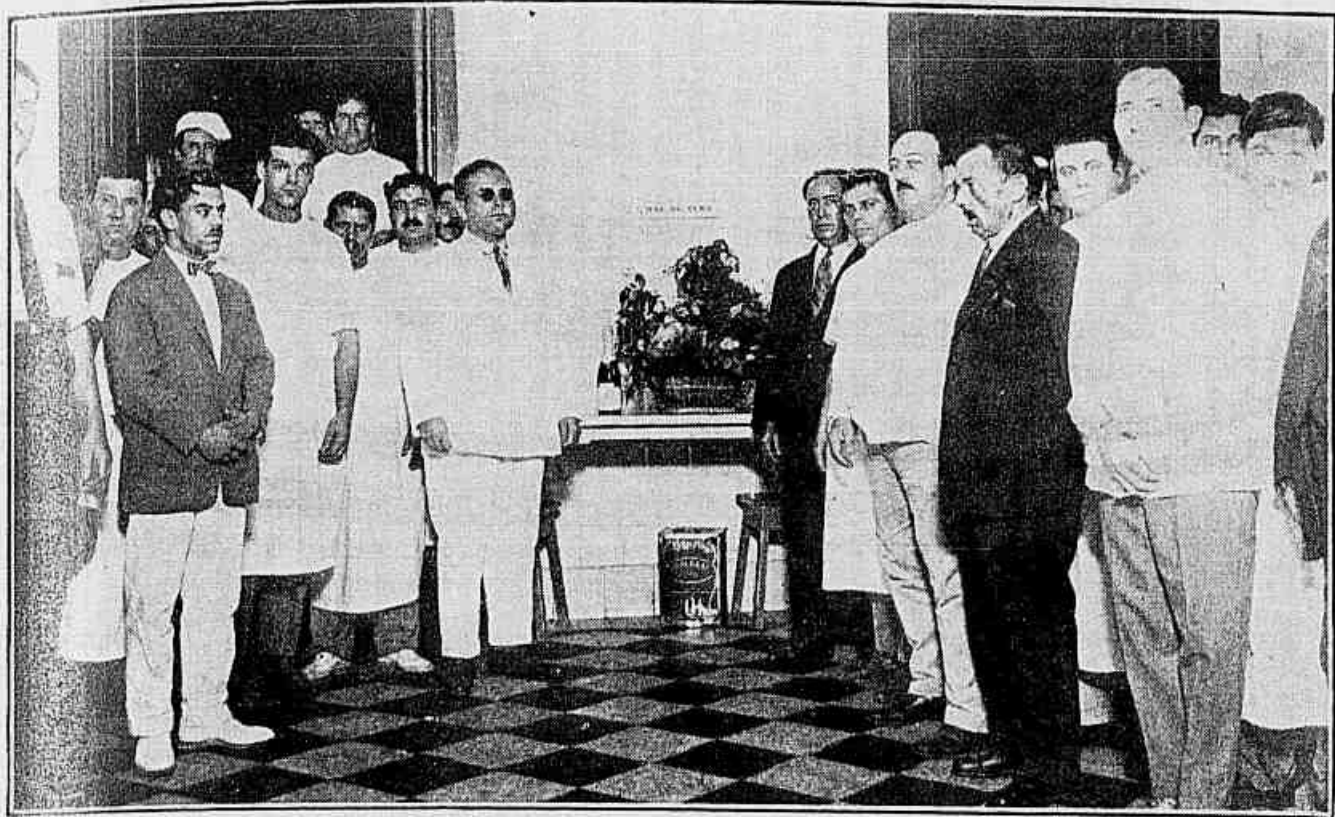
SAPIENCIA CHINEZA

Os turbilhões da revolução e da guerra civil não fazem com que a millenar sapiencia chineza se cale e desista dos seus direitos. Mesmo no meio do tumulto e estrondo das batalhas, ella se mostra e falla ao mundo. E tendo resolvido adoptar para isso a voz de Sun Yat Sen, quiz ser entendida não só pelos Filhos do Céo mas tambem pelos barbaros do Occidente, e fez-se traduzir em inglez.

Assim é que acaba de aparecer em Londres o livro Memoirs of a Chinese Revolutionary, *Memorias dum Revolucionario Chinez, livro que é a apologia do proprio autor. Sun Yat Sen explica tambem nessas paginas a maneira como espera reformar as leis e costumes de seu paiz. Elle adopta uma especie de meio termo entre os bolchevistas e os reaccionarios; e mostra-se partidario das instituições parlamentares e do livre cambio.*

Boa parte da obra tende

1° Team do Club São José da cidade de Itabuna, E. da Bahia. (Campeão de 1923 a 1927).

SOCIEDADE PORTUGUEZA DE BENEFICENCIA

Uma das notas tragicas da manhã de sexta-feira Santa foi o attentado commettido pelo capellão da Sociedade Portugueza de Beneficencia, padre Domingos Pinna, contra o estimado administrador d'aquelle estabelecimento, sr. Alvaro de Moraes Ribeiro. Após alguns dias de incertezas, e semanas de doloroso tratamento, o sr. Alvaro Ribeiro, agora em franca convalescença, foi alvo de uma carinhosa manifestação por parte do pessoal do Hospital de Beneficencia. Reproduzimos um dos aspectos da aprazivel reunião.

Realizou-se em Fevereiro proximo passado, em Lisbôa, o casamento da senhorita Hilda Schayé, filha da viuva d. Clara Schayé e do industrial sr. Henrique Schayé, fallecido, com o dr. Anselmo Taborda, da alta sociedade de Lisbôa, cujas photographias publicamos acima.

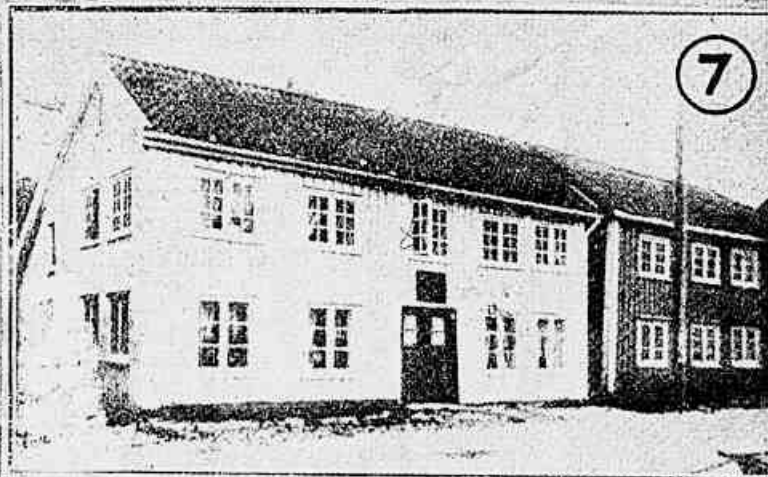
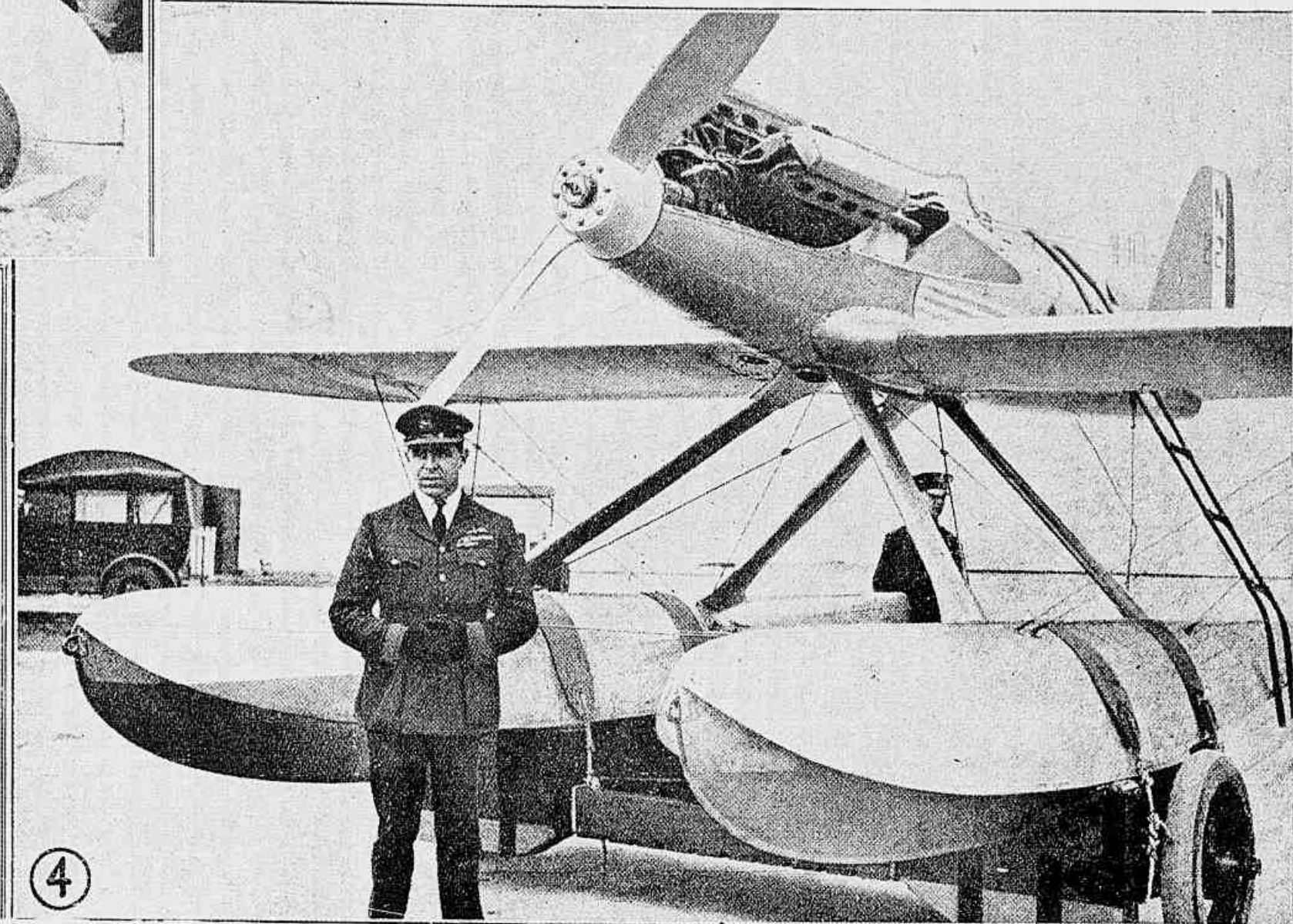
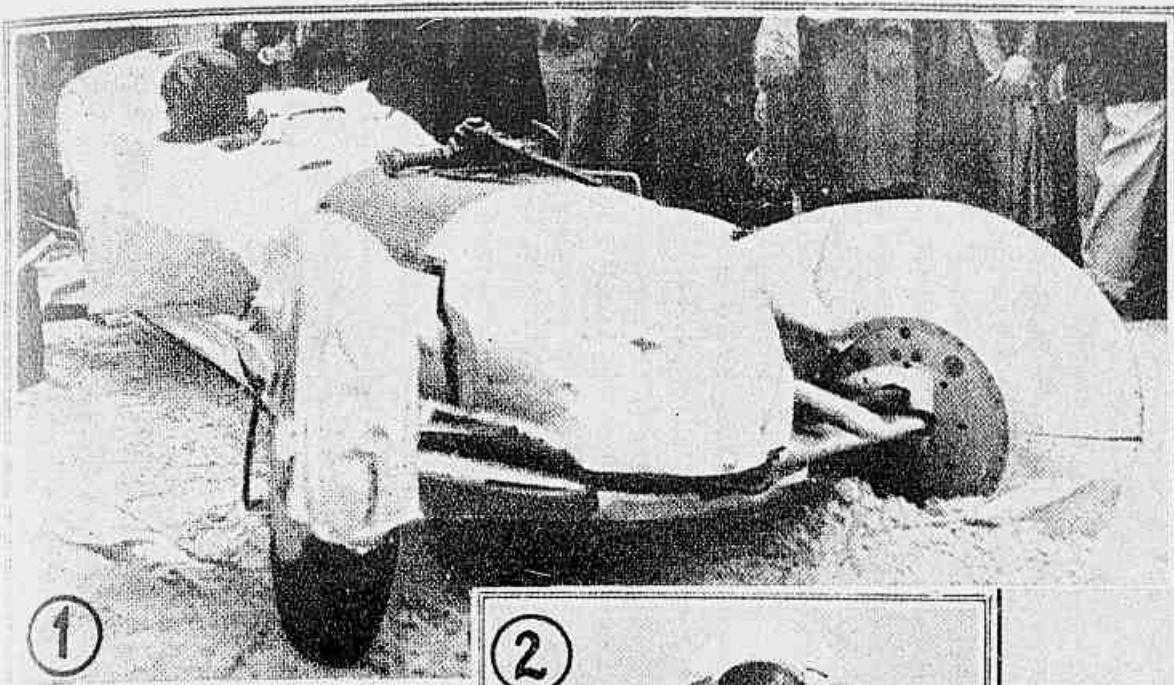
a demonstrar a falsidade dum conceito dos velhos sabios chinezes, o qual assegura que "a acção é difficil mas o saber é facil". E' esta opinião, expressa pela primeira vez por Fu Kueh, sob o reinado do Imperador Wu Ting, da dymnastia Shan, ha dois mil annos, que tem causado, diz Sun Yat Sen, toda a desgraça da China. Porque é desde então, através dos seculos, que os chinezes preferem a contemplação á acção.

LINCOLN

SPORT TOURING

Esta photographia mostra um dos typos de carro Lincoln de turismo preferido hoje em dia. Todos os seus detalhes de linha e de acabamento, taes como o frizo singular da sua carrosserie e a capota, quando descida, que se ajusta como uma luva, accentuam a sua distincção e belleza. O contorno gracioso da parte trazeira da carrosserie casa-se admiravelmente com os amplos e bem desenhados guarda-lamas.

LINCOLN, MOTOR COMPANY
DIVISÃO DA FORD MOTOR COMPANY
RIO DE JANEIRO
Rua da Alegria 211 a 227
S. PAULO
Rua Solon, 2

O QUE VAE PELO MUNDO

1 — O estado em que ficou o bolido de Frank Lockhart após haver sido atirado ao mar na praia de Daytona. 2 — Frank Lockhart, o audacioso automobilista, que morreu na semana transacta, victima das suas vertiginosas carreiras. 3 — Lady Elsie Mackay, que acompanhou o capitão Hinchliffe na sua tentativa de travessia do Atlantico. Não mais houve noticias d'elles. 4 — O famoso aviador inglez Kinkead, que morreu durante umas provas de velocidade, junto do hydroplano onde as realizava, esperando alcançar a marcha de 600 kilometros por hora. 5 — Roma: o IX anniversario da fundação do Fascismo. A revista do Duce. 6 — O automovel de Lockhart, tirado do mar com o seu piloto, victima da loucura da velocidade. Essa catastrophe foi o prenuncio da outra que, na semana transacta, victimou o intemerato automobilista. 7 — A casa de Ibsen em Grimstadt, onde residiu durante muitos annos e compôz suas mais admiraveis obras. 8 — O famoso aviador Levine e o capitão Hinchliffe (assignalado), que parece haver-se perdido com o seu avião *Miss Columbia*. 9 — O capitão Kinkead que morreu ao realizar umas provas quando voava a 500 kilometros por hora.

Lampadas de Igreja

POR ESCRAGNOLLE DORIA

A Igreja aprecia a luz, desde a do sol nos vitraes dos templos até a da luz artificial nas solemnidades religiosas, resplendentes as banquetas.

A missa, cantada ou rezada, exige cirios, symbolos da fé viva de quantos assistem ao sacrificio incruento.

Findos os actos religiosos, pomposos ou não, fecham-se os templos, invadidos no correr do dia, no demorar da tarde, no suspender da noite, pela penumbra e pela treva.

Vae aos poucos a sombra se apoderando das igrejas, ao baixar do sol, mergulhados em escuridões altar-mór, altares lateraes, naves, absides, baptisterios, córos, tribunas e sacristias.

Póde tudo isso conhecer escuro, salvo o altar quando no sacrario branquejem hostias consagradas. Diante d'ellas, no occulto, deve arder sempre luz, no cimo de lampada.

Lampadas são, pois, objectos indispensaveis a igrejas, mormente áquellas em que o Santissimo vive no silencio.

Desde remotas éras a arte e os artistas cuidaram das lampadas de igreja, trabalhando e cinzelando a prata.

Tal foi e é no mundo inteiro, assim em Portugal, assim no Brasil, unidas por seculos as duas terras, metropole uma, colonia a outra.

As igrejas portuguezas sempre receberam o mais cuidadoso ornato. Para lhes dar pompa bastaria um munifico, D. João V, se outros d'ellas e do seu arreio na riqueza não cuidassem.

Souza Viterbo, estudando artes e artistas na patria, declarou que em Portugal a igreja foi uma das melhores freguezas da ourivesaria.

Segundo aquelle autor, após a fundação da monarchia lusitana, os reis mostraram-se geralmente prodigos para com a Igreja, bastando só D. Sancho para dar que fazer a ourives. Legou a cem igrejas da invocação de Santa Maria outros tantos marcos de prata habilitando cada uma a fabricar o seu calice e, repetindo dadiva, favoreceu cincoenta igrejas do orago de S. Jorge.

A's vezes, baldos de recursos para sustentar guerra, da qual no juizo de Frederico o Grande o dinheiro é nervo, aquelles mesmos reis entravam igrejas a dentro, e levavam-lhes as preciosidades. Victoriosos restituiam com usura, como D. João I na Batalha, se esquecendo de pagar, o que D. Manoel fez, as peças de prata sahidas da cathedral do Porto.

Os reis pediam a Deus para satisfazer o diabo do qual a guerra é mascara.

A ourivesaria portugueza contou artifices quasi sempre anonymos. Só o testamento de D. Manuel deu a conhecer o nome de Gil Vicente, o lavrante da custodia de Belem, sahida do ouro das páreas ou tributos de Quilca.

A ourivesaria portugueza, abertos os thesouros das Sés de Lisbôa, do Porto, de Braga, de Coimbra e da collegiada de Guimarães, póde esperar admiração universal.

Nas obras d'aquella ourivesaria ás vezes um simples nome apparece para lhes indicar autor: João ourives, Felix, mais nada.

A nossa ourivesaria havia de resentir-se da influencia lusa, das suas duas escolas na arte, a do sul e a do norte de Portugal.

A Igreja, na metropole e na colonia, occupou sempre muito a ourivesaria, pontuada a colonisação do Brasil a templos, n'elle a capella corollario de pedra da premissa do povoado.

A abundancia e relativa modicidade da prata, vice-rainha dos metaes, favoreceram o desenvolvimento da ourivesaria abrasileirada, a serviço da religião.

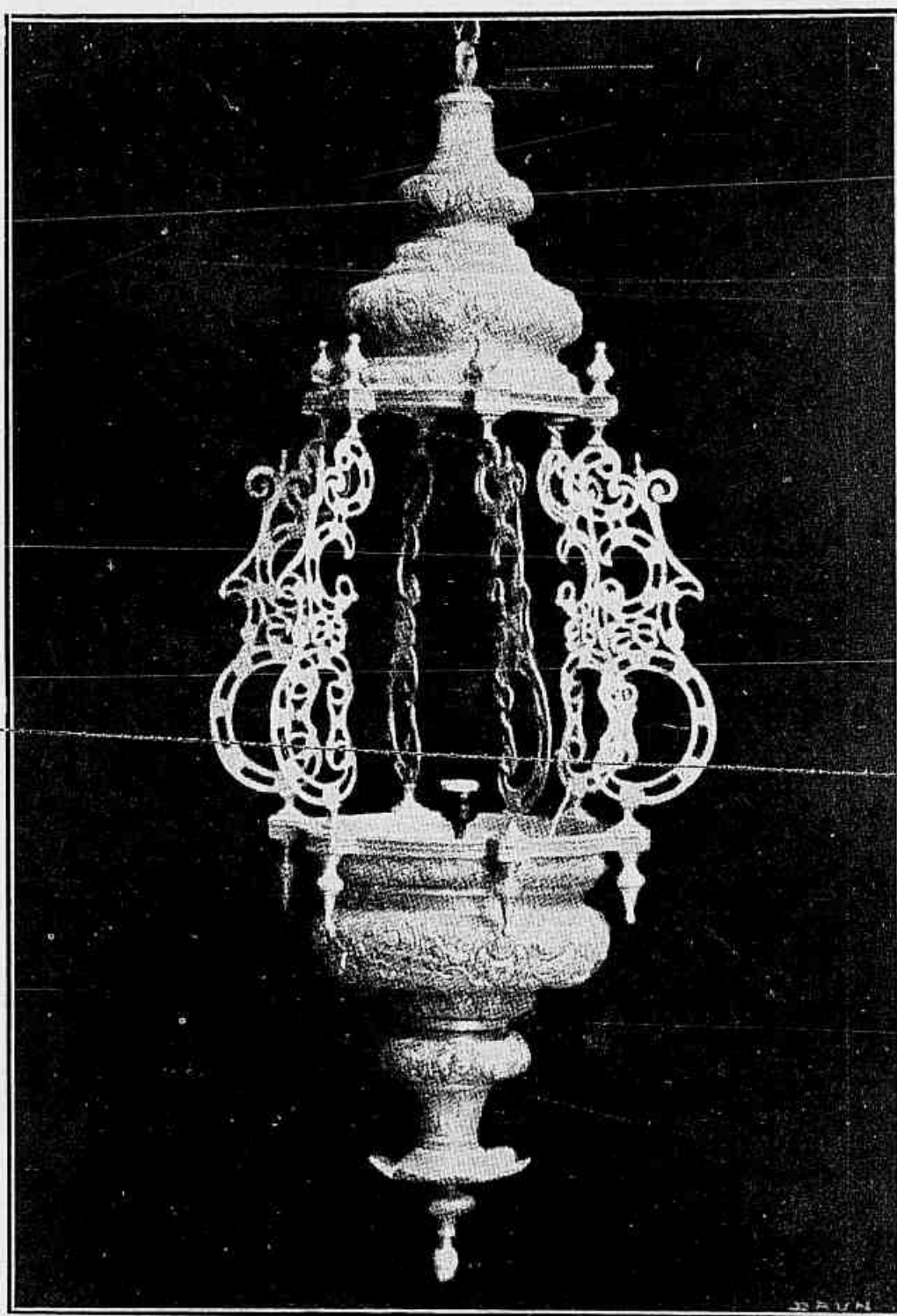
Dava o ouro fórma e preço a calices, dava-e a prata a numerosos objectos de culto, a vasos, a jarros, a bacias, a thuribulos, a calices que o ouro recobria, a cruzes, até a altares. Cita-se o famoso altar da capella do S. S. Sacramento da Sé do Porto, dizendo Sousa Viterbo que custa a crêr escapasse á invasão franceza, menos feliz o cofre de S. Pantaleão.

A guerra raro não vae de frecha a templos, para saqueal-os ou destruil-os. Ainda arde no coração dos homens de bem a colera ante o vandalismo de Reims.

Em todo o Brasil a ourivesaria profana labutou para o sagrado, viessem as obras de Portugal, ou aqui as fabricassem, em geral sempre no olvido os nomes dos artifices, nem mais mencionados pelo *Johannes aurifex* e outros nomes de antigos tempos.

A ourivesaria nacional e peregrina, esta no duplo sentido de estrangeira e excellente, deu largas a talentos e a primores, fautriz a Igreja, na feitura das lampadas. Foram obras quasi sempre de grandes proporções e de subido peso; destinadas muitas vezes a tempols grandevos sobre grandiosos.

N'elles e em outros de menor ambito, suscitou admiração enormes lampadas de prata pendentes do tecto, de constraste com o vulto do objecto a pequenez da luz mortiça da lamparina no seu oleoso mar de azeite. Luz que um sopro póde apagar como outro sopro, de morte, pode extinguir em segundos quem a accende.

As igrejas mais antigas do Rio de Janeiro raro não possuem grandes lampadas de prata, legadas pelos nossos maiores, para escarmento de tempos e gerações menores.

Lampada de prata, trabalho portuguez do seculo XVIII.

Em nossa capital poucos superaram, como inspirador da ourivesaria sacra, Valentim da Fonseca e Silva, mineiro como o Aleijadinho. Não se contentou em ser artista ao ar livre, como no boscarejo Passeio Publico, trabalhou no lar para attender ourives.

Iam-lhes estes á casa, na rua do Sabão da cidade velha, hoje General Camara, pedir desenhos para satisfacção de encommendas ecclesiasticas ou piedosas, talvez algumas em resgate do peccado do dixeme-dixeme de beatas linguarazes.

Eram debadoura para Valentim os desenhos de relicarios, de ciriaes, de salvas, alem dos seus trabalhos da talha nas igrejas, ora na Cruz dos Militares ora na Candelaria, uma vez em S. Francisco de Paula, outra no Carmo.

Foram desenho e modelo de Valentim as lampadas do Carmo, de S. Bento e de Santa Rita, illuminando templos de sitios bem oppostos o Carmo no halito do mar, S. Bento alcandorado em morro, Santa Rita no coração da cidade velha, nosso corpohistorico.

Algumas das igrejas da cidade, assim as do Carmo, de S. Francisco de Paula, de S. Bento, de S. Francisco da Penitencia, do Bom Jesus do Calvario entre outras, possuem capellas de noviciado ou para guarda, respeito e adoração do SS. Sacramento.

N'essas capellas, algumas verdadeiras joias, as grandes lampadas de prata produzem ainda maior impressão do que nas naves dos templos. No exiguo e no sombrio do local avultam em massa argente, baixando a luzinha que tremúla diante do sacrario, dando sombras ao recinto, sombras immoveis ou de dansa ao toque do vento, cobrindo por momentos ora a toalha do altar, ora a tunica de um santo.

Não ha muito, igrejas e capellas do Brasil foram alvo de saque systematisado, não por violencia, mas por astucia atiçando cupidez.

Uma recua de aventureiros correu o Rio de Janeiro e o interior do paiz arrebanhando, por conta propria ou alheia, nossas antiguidades, olhando-as com avidez sem olhar a preço para adquiril as.

Pareciam taes compradores ter parentesco com os gafanhotos ou as formigas carregadeiras, devastavam uma região, levando-lhe as preciosidades n'um piscar de olhos. Quem passasse no dia seguinte já nada mais encontrava após aquella verdadeira razzia arabe.

Camas de jacarandá, cadeiras á D. João V, salvas de prata, anneis e brincos com crisolitas, colchas de damasco, estribos lavrados, pentes de tartaruga, chales de touquim, tudo servia, tudo era levado e quasi sempre em breve conhecia ondas rumo do estrangeiro.

As igrejas não podiam escapar á operação estrategica. Visitou-as o inimigo, não de armas, mas de bolsa na mão. Sahiu victorioso, por effeito da fraqueza de muitos que não deviam tel-a no cumprimento do dever de depositarios. As preciosidades de um paiz são de todas as suas gerações.

Cumpre, porém, em abono da verdade e da justiça, resalvar a inteireza de muitos outros. E' bem possivel que, por exemplo, os azulejos da destruida igrejinha tradicional de Copacabana, substituida por um forte já memoravel, tenham ido parar longe.

Felizmente não houve meio de convencer uma irmandade de outra igreja tradicional da cidade da *vantagem* da substituição de seus lindos azulejos coloniaes por outro azulejo barato, branco ou azul, gloria de alguma parede de botequim.

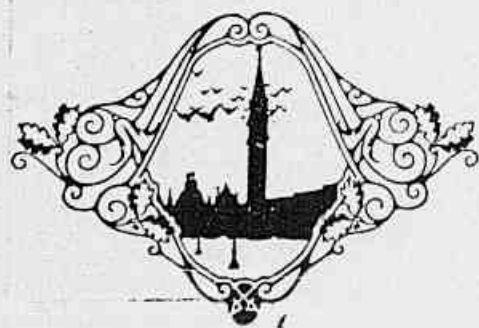
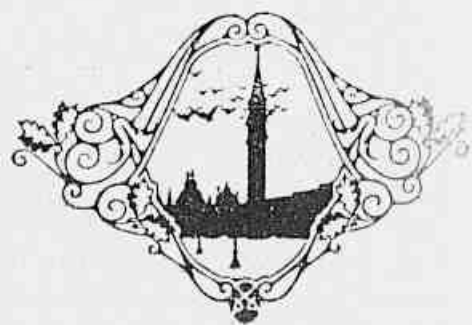
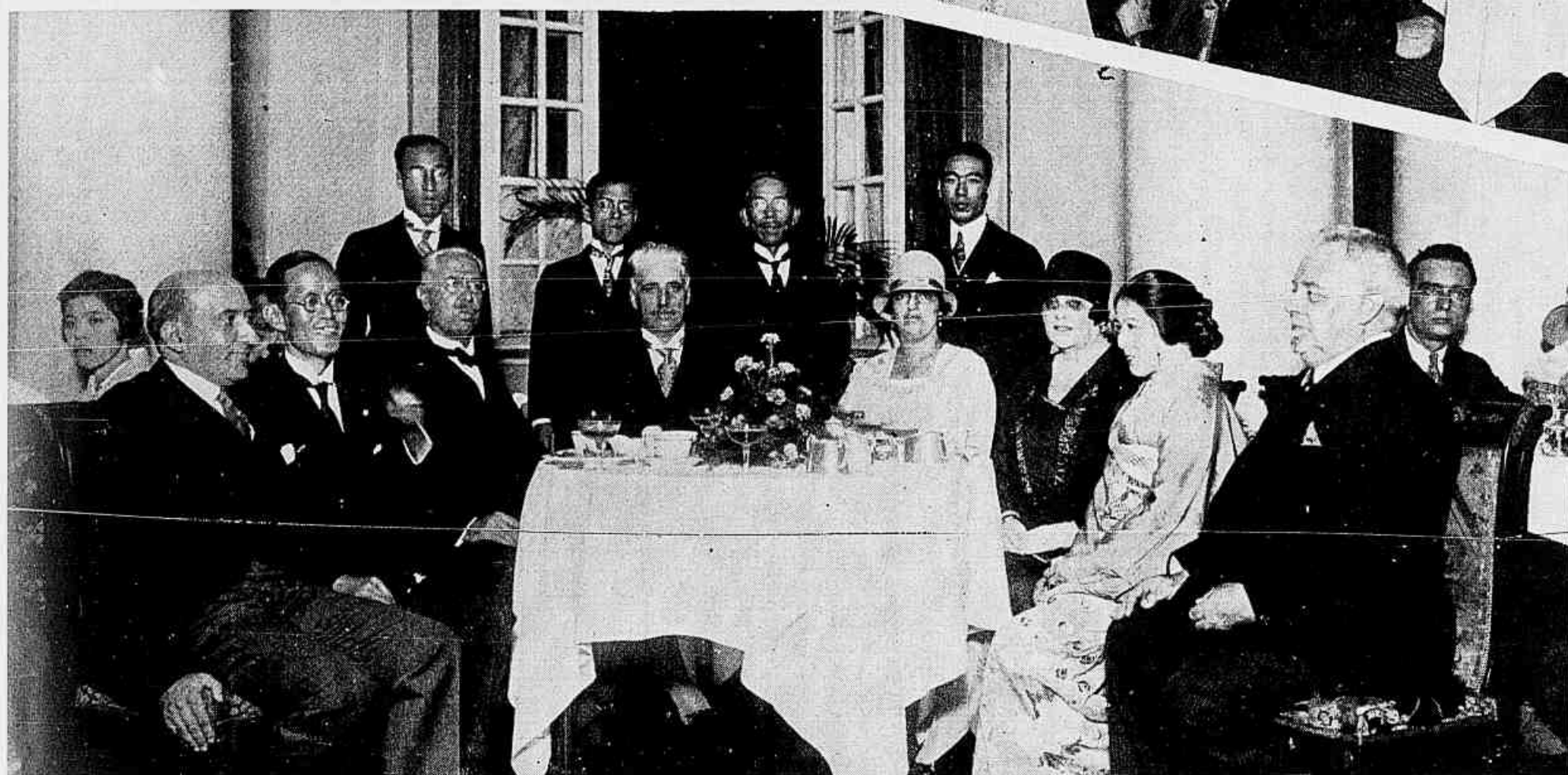
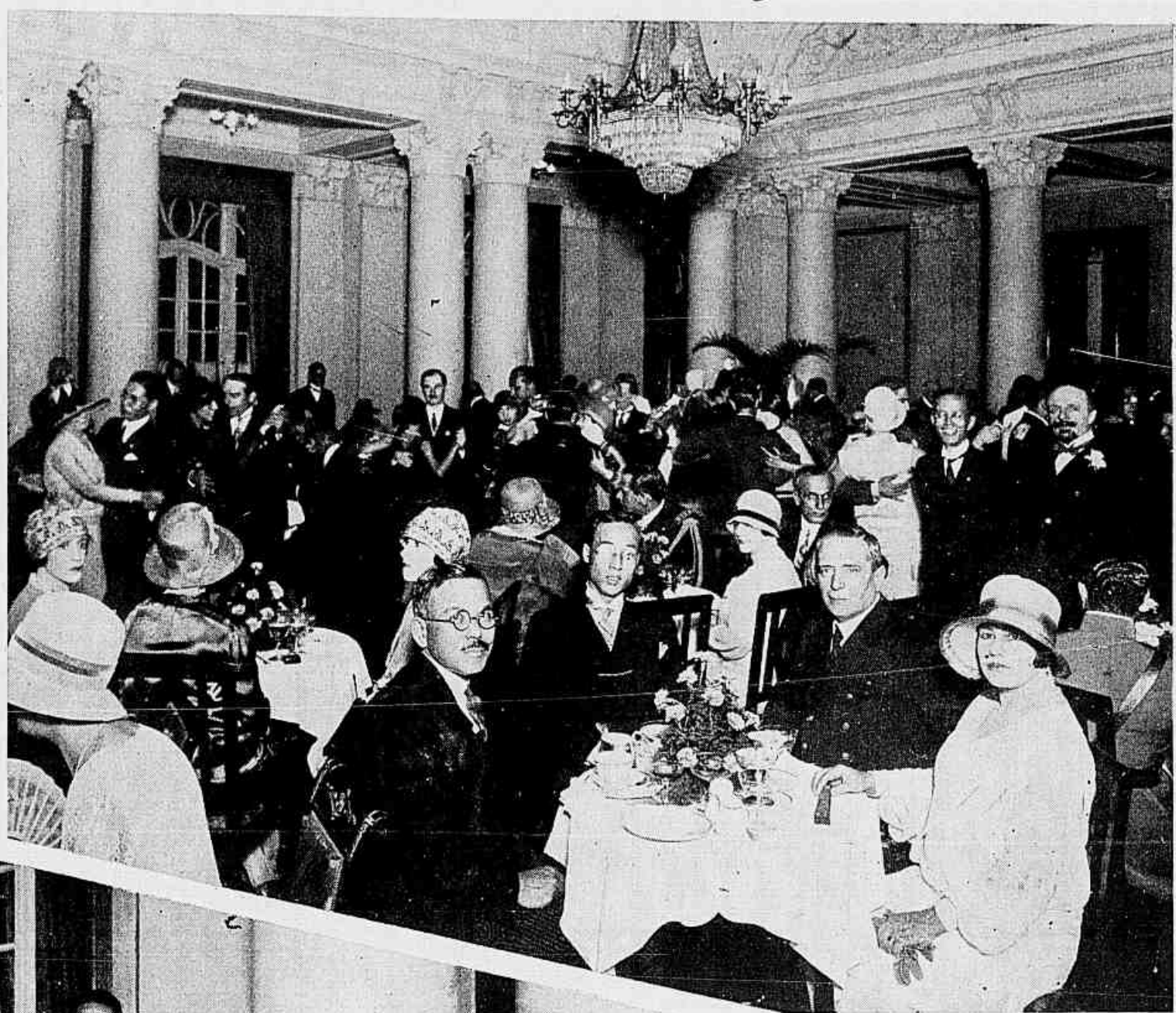
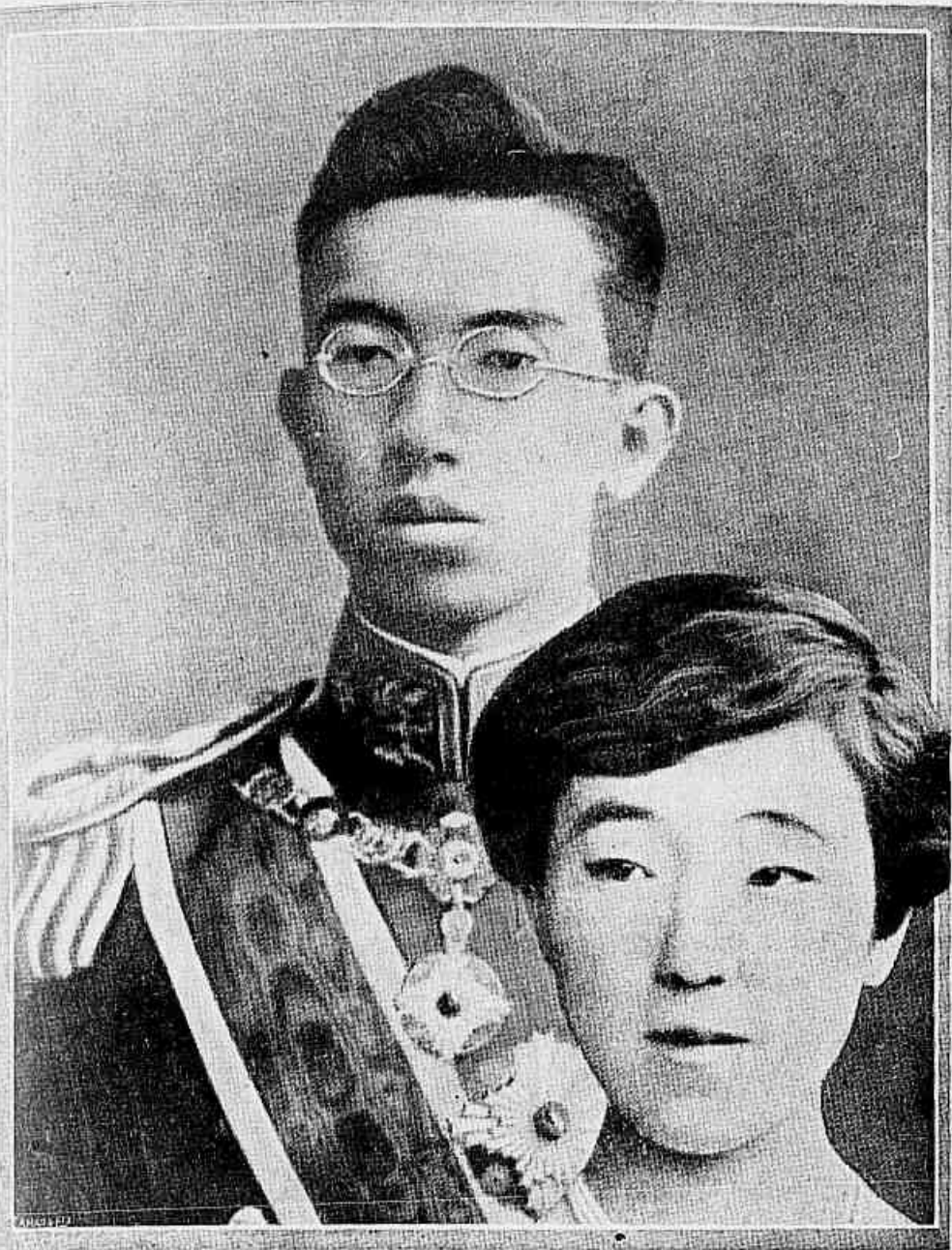
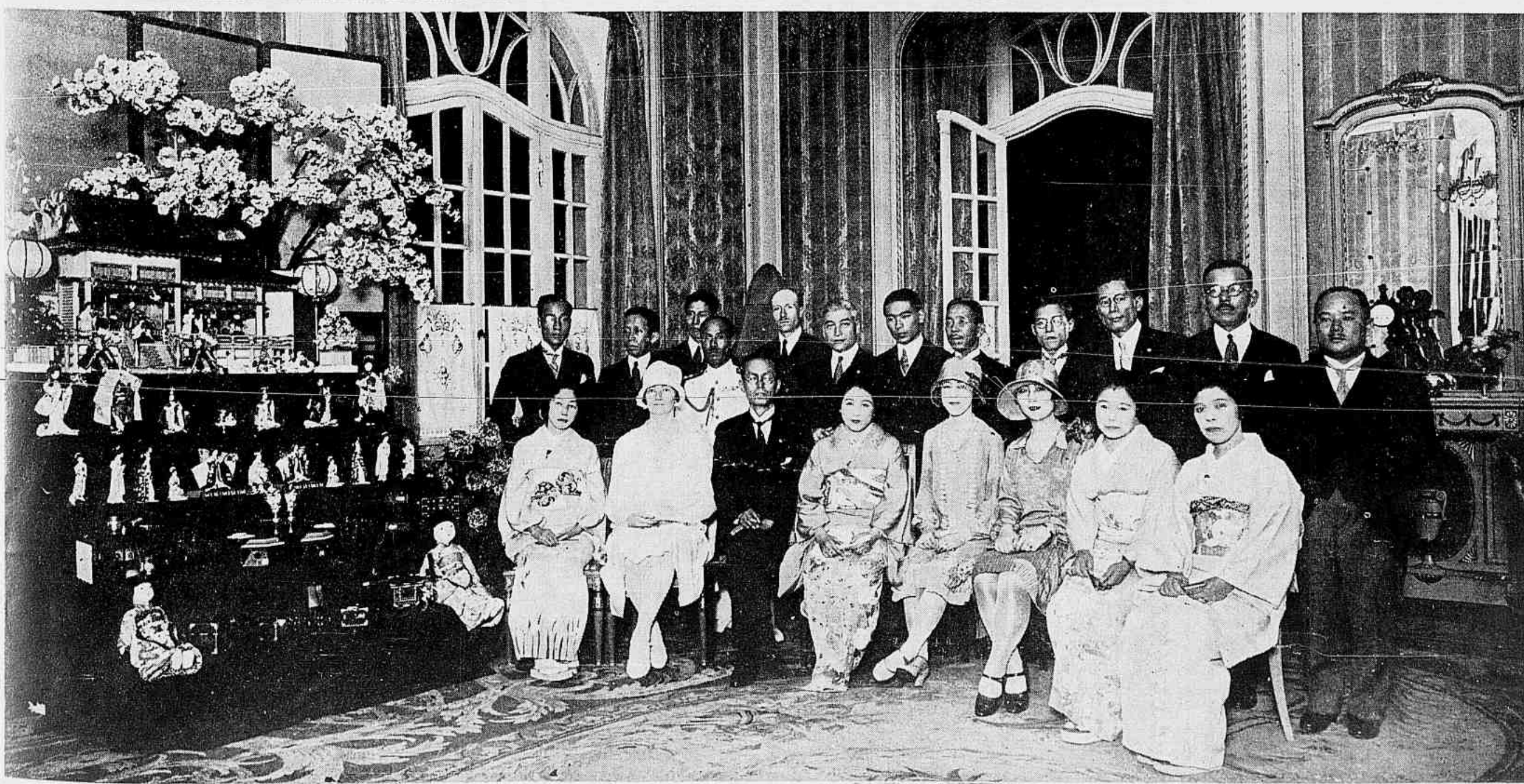
A matula dos aventureiros deitou olhos grandes ás lampadas das igrejas. Começou com lábia o sitio manso dos possuidores, adormecendo o sentido que haveria de sua deshonra.

Alguns cederam e assim se poude vêr velhas lampadas e antigas estantes de côro, ás vezes a troco de novas e novos, nas mãos de individuos descrentes ou impios aos quaes tudo aquillo devera ser pomo vedado.

Parecia caso de salvação publica qual o famoso que levou as matronas de Gôa a despojarem-se de cadeias, orelheiras e anneis para envial-os a Diu a D. João de Castro, dizendo que tudo se vendesse para serviço do rei.

Aqui mesmo no Rio de Janeiro houve comtudo quem resistisse ás tentações e soubesse dizer não com firmeza. Tal o caso de uma irmandade á qual se propoz a troca das suas grandes lampadas de prata de priscas eras por outras, novinhas em folha, as primeiras de rumo para um destruido templo europeu nos sacrilegios da Conflagração.

Felizmente o impeto de comprar e vender sossegou, talvez mais á mingua de armas de combate que de combatentes e mercê de algumas providencias isoladas.

Por emquanto, pois, velhas lampadas restam e continuai suspensas nos nossos templos, scintillando nas festas, mais gratas a sonhadores nas horas crepusculares, entre luz e fusco ou, como diziam os antigos, entre o lobo e o cão. Deus nos guarde de lobos vestidos.

Escragnolle Doria

O anniversario de S. M. o Imperador do Japão

Aspectos tirados durante a encantadora recepção dada pelo Sr. A. Ary-Yoshi, Embaixador do Japão, por motivo do anniversario de S. M. o Imperador Hirohito. Ao alto: á esquerda, os soberanos do Japão, Imperador Hirohito e Imperatriz Nagako; á direita: um flagrante da recepção, vendo-se os pares que se entregam á dansa por entre as mesas de chá. Ao lado: A mesa do Sr. Embaixador, vendo-se sentados, da esquerda para a direita, os Srs. Leão Velloso, chefe do gabinete do Sr. Ministro do Exterior; Embaixadores do Japão, do Mexico e de Portugal; Embaixatrizes do Mexico, da Argentina e do Japão e Ministro do Uruguay. Em baixo: os Embaixadores do Japão e os altos membros da Embaixada do Imperio do Sol Nascente.

— Se soubesses, Clara, como sou infeliz! Meu marido engana-me...

Estavam ambas no pequeno quarto de toilette. Joanna abandonara o pulverisador de prata e, attentamente, escutava a amiga. Uma essencia delicada punha em cada canto um pouco do seu perfume subtil. E nesse ambiente discreto é que a joven atraiçoada pôz a nú o coração maguado.

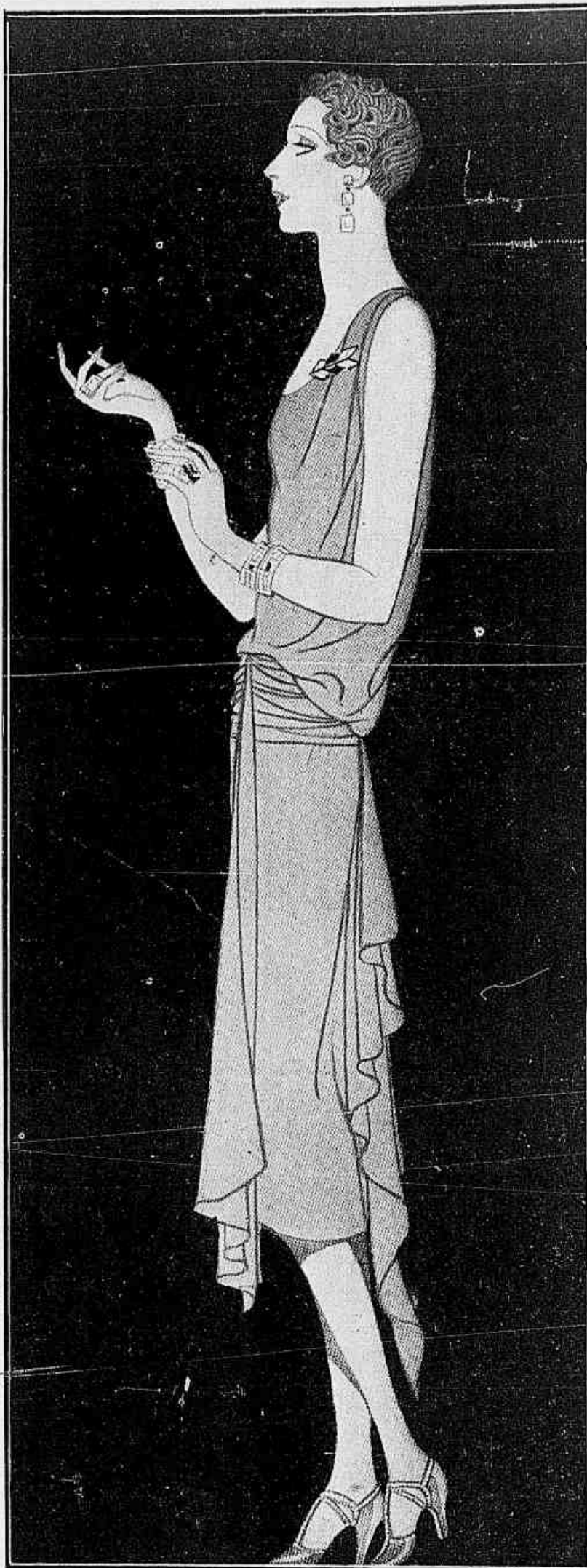
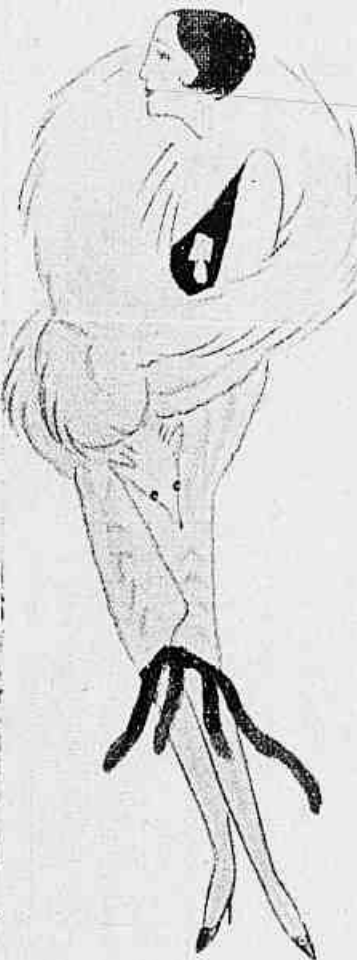
— Foi a Carmen quem m'o disse. Sabes como ella me estima, como se regosija com a minha felicidade. E saber que o Jorge me engana, fal-a soffrer tambem...

Dos olhos de Clara tombaram algumas lagrimas. E uma ligeira emoção embaciou os olhos de Joanna, tornando mais facil a confissão da amiga. Depois, interrogou por sua vez:

— E tu sentiste qualquer differença no amor de teu marido? Mudou nalgum ponto a sua attitude perante ti? O teu coração advertiu-te de qualquer mudança?

— Não, querida. E a minha falta de perspicacia torna-me mais dolorosa a traição delle... Será possivel que o coração não nos previna do mal que nos fazem?

Um ligeiro sorriso franziu os labios de Joanna. As suas mãos, brancas e finas como as de algumas esculpturas, tiveram um gesto de pomba abrindo as azas e foram pousar nas mãos da outra.

— Escuta-me bem, Clara. Carmen não foi verdadeira ao contar-te a trahição de teu marido. E's intelligente e amas; portanto, sentirias o mais leve desvio ou differença na vida de teu marido. Por muito que os homens mintam — e elles mentem tão amiude! — uma amorosa nunca deixa de presentir o embuste de qualquer delles. E' que nós, mulheres, temos um sexto sentido; qualquer coisa de impalpavel e de inexplicavel a que os francezes chamam *flair*.

E tu, amando como amas, sentirias a traição. Além disso, ao escutares a tua amiga, acreditaste logo, em vez de te rebellares contra a possibilidade de um engano: prova evidente de que não és uma atraiçoada. Os verdadeiros enganados procuram desculpas para se illudir e duvidar... Depois, minha querida, tu possues a infantilidade de apregoar a tua ventura a todas as amigas e nem sempre as tuas amigas são felizes... E poucos são aquelles que perdôam a felicidade alheia, minha pequena. E' necessario ser-se discreto no apregoamento da nossa dita, porque raros são aquelles que a disfructam tambem; e seremos olhados como um ladrão que conquistou, á força, um thesouro escondido. E confias em todas as mulheres... Esqueces que as nossas mais implacaveis inimigas são ellas proprias. Repara, quando exibes na rua um bonito vestido ou quando a tua belleza attrahe o olhar de qualquer homem... Carmen é feia e foi infeliz no amor; dois motivos bastante fortes para soffrer com a formosura e com a felicidade das suas amigas. E tu, Clara, inconscientemente, revolves a chaga da sua dôr: porque lhe recordas as suas amarguras com o espavento da tua alegria. Sê humana e despe-te de algumas illusões sobre a alma dos outros. Quando Carmen falar na traição de teu marido, tem um sorriso na bocca e uma ironia nos olhos; só assim triumpharás, da maledicencia ou falta de generosidade della; porque, se fôr real a prevenção da tua amiga, tu o saberás com certeza; e se fôr falsa não terás soffrido debalde.

Um ligeiro rosado coloriu as faces de Clara. Uma fé instinctiva tocou o seu espirito de mulher amorosa; qualquer coisa lhe disse que não andára bem em ouvir a amiga.

— Mas, Joanna, a duvida entrou em mim; um desejo de me certificar apunhala-me...

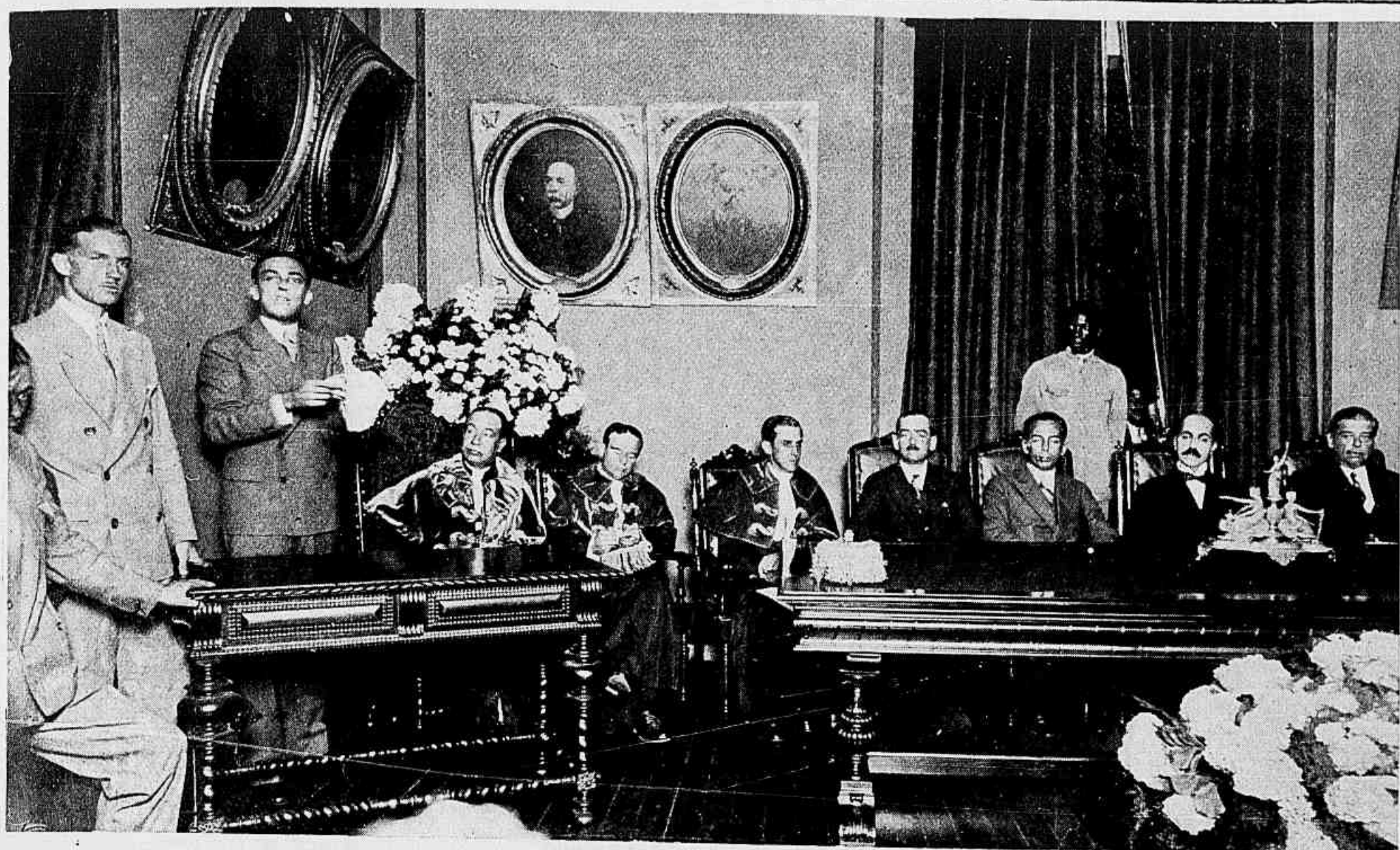
— Pois bem: sê leal para teu marido. Vai ter com elle e sem falsos preconceitos, sem mesquinharias embusteiras, conta-lhe o que se passou. Se fôr certo, elle comprehenderá que a traição é conhecida e tentará findal-a; se fôr mentira será reconhecido á tua sinceridade e evitarás novos desgostos para o futuro. Tu amas; conheces um pouco as expressões de Jorge; facil te é ler-lhe nos olhos... A bocca mente ás vezes; mas os olhos pouco se defendem. Sê perspicaz e sê sincera.

E vendo que Clara se apromptava para sair, com uma nova esperança nos olhos fatigados, voltou a repetir-lhe:

— E não voltes a escutar certas amigas, minha pobre Clara; porque uma boa amiga tem piedade de nós e não vem ferir-nos o coração...

Beatriz Delgado

OS NOVOS ENGENHEIROS

Aspectos da ceremonia da collação de grau dos novos engenheiros, sob a presidencia do prof. Aloysio de Castro, director do Departamento Nacional de Ensino. *Ao lado*: o engenheiro Ponce de Arruda, orador da turma de engenheiros civís, pronunciando o seu discurso; *em baixo*: os novos engenheiros geographos e civís, respectivamente com os seus paranymphos, profs. Caetano de Oliveira e Roberto Marinho.

A morte da Yara

(MOTIVO BRASILEIRO) POR THOMAS MURAT

GUANUMBY, na sua piroga de itaúba, vegava lentamente, ouvindo o grito dos guarás nas frondes das paxiúbas e o gorgeio dos japós no silencio selvagem da tarde.

Guanumby gostava de pescar pirapêma e acará, mas nessa tarde, preferia ir, serenamente, ao sabor do rio, num sonho pantheistico e adorador da natureza, fechando no coração barbaro, todo o mysterio das paizagens.

Em sua alma retumbavam, vagamente, os clangores das pocemas de guerra, e uma extranha melancolia, sortilegio de Anhangá, envenenava-lhe o coração forte.

Era um dos ultimos temiminós e, em seus olhos que fitavam a solidão das samaumeiras, escorria a tristeza de um fim de raça, a nostalgia das ultimas malocas destruidas.

Erravam-lhe ainda na alma a musica triste da sua gente, o canto rude de mimby, e doçuras selvagens de sombras femininas dansando poracés de volupia ao som do torê, emquanto, ao longe, nos horizontes que riscavam braviamente o céo, como o trovão de Tupan resoava o buzio uatapú.

Elle, neto de velhos tairas, era agora, com a queda das ultimas arvores seculares, a derradeira alma humana dos sertões, o espirito extranho da natureza, em que clamavam todas as forças e vozes vivas da terra.

E soffrendo a destruição das suas mattas veneraveis, sentia rugir dentro do coração, a colera selvagem dos derradeiros heróes morubi-chabs.

Terra em flor e alma em agonia!

Ah! o crepusculo dessa noite era sem duvida a aza sombria da Morte...

Guanumby soffria. Em seu olhar phosphoreava a chamma audaz do ybag, ou do firmamento.

Seu perfil como recortado numa chapa de cobre e a sua pelle de barro vermelho tinham fundos sulcos, como si o vento e o sol nelle houvessem marcado o estigma geologico, a tatuagem de uma extranha geographia barbara — mysterios de florestas, horrores de solidão...

E o olhar de Guanumby — filho das selvas — procurava — lá longe! — para além dos primeiros horizontes manchados em nevoas sangrentas, o fumo das cidades que se erguiam no brazeiro das conquistas, destruindo o povo religioso das arvores, a alma sagrada das grandes florestas patriarchaes.

Revivia num extase immenso que o envolvia todo num delirio pantheista, os ritos da sua tribu, a nostalgia do maracá e do beré, o orgulho feroz do yeorequi com que os seus commemoravam as façanhas dos antepassados.

Na agoa do rio passou um fremito de horror sagrado e o indio pensou ouvir resoar, no silencio do crepusculo, a voz extranha dos pagés, dos piagas, que, no fundo das ruinas dos tuiupares, entre perfumes exoticos de ybira-pagé, contava lendas indigenas de maipurés e de agoas fabulosas, onde moravam, em palacios de espumas, yaras de olhos verdes e labios mais dôces que o vinho do macujá.

... Os homens brancos tinham vindo e tomado a sua terra em flôr... nunca mais a natureza seria virgem!

E Guanumby sentia que não era mais o uirauetê das mattas, mas o uacuráu do ôco dos velhos troncos.

A terra inteira chorava no soluço verde das yaras, á beira dos rios, porque ellas são a alma mysteriosa das paizagens, a fórma humana das cachoeiras e das fontes — e por isso trazem na carne luminosa o perfume das agoas e o clarão da primavera.

E Guanumby vergando o dorso de argila, contorcendo os musculos que lembravam cipoaes bravios, arquejava na scintillação branca das primeiras estrellas... e havia nelle a angustia de um passaro ferido.

No fundo do rio — espelho da alma da terra — reflectiam-se paizagens d'agoa e os olhos do indio onde morriam crepusculos de idolos, eram fundos como furnas escuras.

Os troncos lividos blasphemavam, e as palmeiras agitavam no delirio da natureza, os seus cocares barbaros.

A noite cahia... e na piroga, movel sobre a agoa, o indio contemplava o horizonte como uma immensa boiuna sorvendo a lua.

As inajás agitavam os pennachos e aves maravilhosas, de côres phantasticas com gritos agudos, passavam no ar, lembrando desenhos exoticos de um jarrão de Satzuma.

A piroga fluctuava mansamente, e Guanumby procurava ver lá longe, no outro lado da margem, os tristes tybicueras, onde dormiam, gloriosamente, os ultimos nhemongabas da sua tribu.

Então, uma allucinação passou em seu espirito...

Do fundo do rio, surgiu, de subito, a cabeça resplandecente da yara...

Seu coração fetiche sempre a havia procurado loucamente no mysterio dos rios, na lenda das noites claras, na aza pallida do luar desdobrada sobre as suas palpebras — quando a noite, como uma serpente azul, vinha beber agoa á beira das lagôas...

Mas nunca, nunca o seu olhar vago e perdido a tinha entrevisto siquer! Nunca, por entre as cestas verdes das algas ou entre as mamoranas floridas — *ella* apparecera a Guanumby!

E nesse momento, ella apparecia alli, immensamente linda, humida e luminosa, o corpo nú como uma flôr d'agoa, os cabellos de oiro escorrendo liquidas pedras preciosas, o olhar verde illuminando a terra escura...

— "Yara, Yara, flôr verde dos rios, ouve a supplica de Guanumby!"

Ouve! Guanumby, filho das mattas, quer ver os teus palacios de coral, onde não ha outro sol senão o sol dos teus verdes olhos.

E' no fundo dos rios que tu moras!

E emquanto nas florestas as serpentes traiçoeiras fascinam os passaros audazes, tu, á beira dos rios, attrahes a alma forte dos homens.

Guanumby soffre a lenda verde do teu olhar e foi no mysterio em flôr da tua belleza que elle ficou captivo, como fica o potro bravo no igapó florido!

Tu és mais branca que a Jacy, e ha no teu corpo o perfume das mamoranas, no silencio da noite...

Por ti ando selvagem de amor, e o meu coração é como um passaro ferido...

Mas a Yara sorria o seu sorriso verde entre a agoa verde, e o seu corpo macio como a luz offerecia a Guanumby o seio tremulo e encantado...

Mas já a Yara ia fugir, desapparecer... Seu branco corpo para sempre se sumiria na primavera da agoa, deixando mais escura a terra e mais deserto o silencio do rio.

Então, com o grande olhar brilhante que faiscou como um vôo de aguia — Guanumby arrebatou do fundo da piroga uma flecha sararaca e o arco de pesca.

Em seus musculos correu um arrepio de sacrilegio e de horror...

Seu corpo de argila tremeu, um momento, de febre, mas retezando a arpoeira de curauá no dorso flexivel e encurvando o muirapara deixou a seta partir...

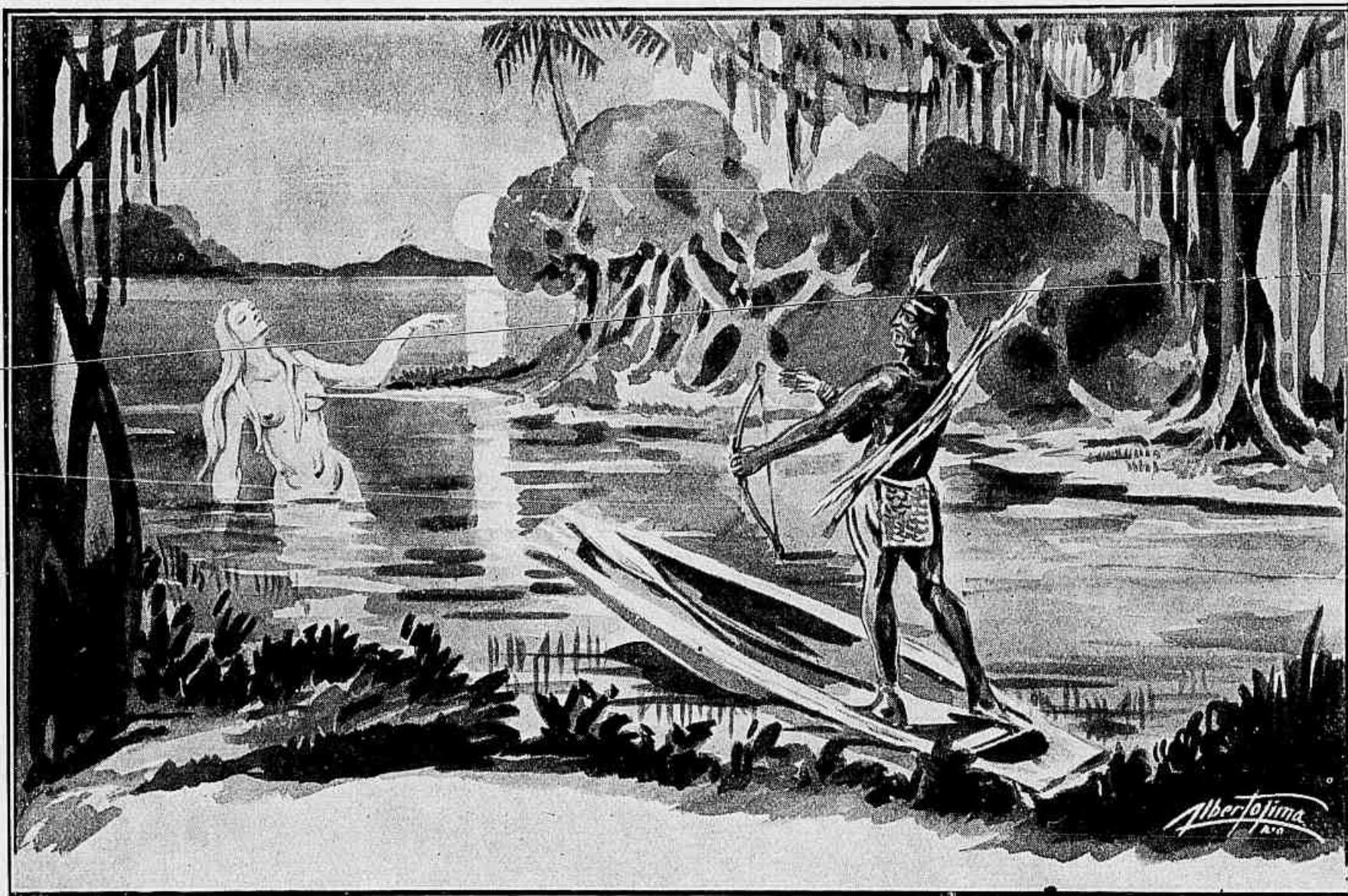
Como um soluço verde de onde que se parte vibrou no ar fino e gemido da Yara ferida no seu claro.

No ar mudo rolou aquella verde voz, com a doçura de uma petala de rosa cahindo no ar...

E com a flecha encravada na carne macia, ella ia para sempre desapparecer, no soluço pantheista do rio, levando com o seu corpo de flôr, toda a illusão da alma barbara dos indios...

Mas, de subito, Guanumby mais agil que a sua flecha, atirou-se á corrente fria, que ergueu petalas d'agoa em torno, alcançou a Yara ferida e foi rolando com ella, entre flores de espuma e clarões de estrellas, no gemido das agoas.

Guanumby sepultára com a sua alma selvagem, no silencio radioso do rio, a lenda e o mysterio barbaro da terra brasileira...

THOMAS MURAT

A GLORIFICAÇÃO DO POETA

Aspectos tirados na esplanada do Russell, no sabbado ultimo, ao ser inaugurado o busto de Alberto de Oliveira, o Principe dos Poetas Brasileiros, vendo-se entre os presentes os srs. ministro da Justiça, os representantes dos srs. Presidente da Republica e prefeito, Antonio Prado, e Coelho Netto, o Principe dos Prosadores Brasileiros. *A' direita*: as brilhantes escriptoras e poetisas senhoras Maria Eugenia Celso e Anna Amelia desvendando a herma do Poeta.

Grosso; o dr. Rodrigo Mello Franco de Andrade, que regressou de Minas.

Deixaram o Rio: — o pintor patricio Manoel Santiago e senhora, que vão á Europa, o dr. Enéas Ferraz, que se destina á Europa; o dr. Monteiro da Silva, que vae tambem á Europa; o jornalista Mario Tullio, que vae ao Recife; o professor Everardo Backheuser, que se destina ao Velho Mundo; o 1.° tenente Ivan Pires Ferreira e senhora, para Curityba; o dr. Pedro Moura e familia, para a Europa.

VERANISTAS

Para Vassouras: — o dr. Gumercindo Castro e esposa, dr. Oscar Menezes e familia, dr. Paulo Rebello e senhora e coronel Sebastião Mascarenhas e familia.

*

Para Aguas Virtuosas: — o dr. Affonso Fonseca e senhora, coronel Luiz Tavares e sua filha a senhorinha Henriqueta Tavares, dr. Narciso Muralha e esposa, dr. Dyonisio Botelho e familia.

*

Para Cambuquira: — o sr. Luiz Lemos e familia.

*

Para Araxá: — o dr. Mario Sá Campos e senhora, dr. Osmar de Freitas, coronel Pedro Ribeiro de Andrade e filha.

Innocencia da Rocha, a galante pianista brasileira que tanta admiração tem despertado no Velho Mundo com os seus dedos maravilhosos.

*

Para Caxambú: — o sr. Americo Valentim e senhora; o jornalista Diomedes de Moraes.

*

Para Poços de Caldas: — o dr. Augusto Cruz e familia.

*

De Aguas Virtuosas: — os srs. Milton de Mattos Magalhães e familia, Durval Lobo, dr. Sá Borges e familia, senhorinha Celina Candido, dr. Ernesto Lisboa e familia, coronel Eduardo Salles e senhora.

*

De Vassouras: — o dr. Camillo Ximenes e senhora, dr. Bento Vieira e senhora.

*

De S. Lourenço: — o deputado Candido Pessôa; o sr. Elpidio Boamorte.

MUSICA

Com os maravilhosos concertos de Uniwsky, o grande pianista russo, abriram-se este anno, pela primeira vez, as portas do Municipal. Tres notaveis recitaes deu o insigne artista, todos elles com optimos programmas.

Todo o nosso *grand-monde* esteve presente, não tendo ficado logares vasios. Bellissimas salas. E as palmas, os applausos foram enthusiasticos e phreneticos.

*

Dulce de Salles a festejada pianista patricia, levou a effeito, quarta-feira da semana passada, no salão nobre do Instituto Nacional de Musica, um magnifico concerto de despedida.

A brilhante *virtuose* executou um programma difficil e primoroso, tendo sido applaudida com sincero enthusiasmo por numeroso auditorio.

M. DE D.

CARNET

Meu amigo:

Se você se detivesse, com calma e com a intenção de ser um juiz severo na sua propria causa, diante do espelho do seu guarda-casaca, verificaria que está perdendo inteiramente a linha e que se deixa engordar como qualquer burguez sem idéas e sem senso esthetico. Entretanto, diz constantemente que o Amor é o motivo da sua vida.

Esquece-se, meu amigo, de que a mulher é um iris de phantasia e que a phantasia é leve como um lindo sonho.

A mulher tem o espirito analysta e mesmo nos momentos de maior intensidade amorosa, acredite, ella observa, analysa, confronta e depois ou glorifica ou destroe o seu amor.

Pelo habito da synthese, o homem disso não se apercebe, e julgando-se um triumphador, geralmente se descuida e banalisa-se na integralização dos seus habitos communs.

Cada creatura tem o seu ideal e é em defeza desse ideal que ella despedaça friamente os idolos de barro que vae encontrando na trajectoria da vida. Em pequeninos nadas physicos e psychicos repousa o prolongamento do Amor.

O amor é um caprichoso alado, assim pois, a volubilidade não é defeito, é exigencia.

Ha creaturas que ficam na alma de outras para sempre e ha outras que passam com a rapidez luminosa dum meteoro.

Seja das primeiras, meu amigo, e perdôe a irreverencia do que lhe diz a

Maria de Lourdes.

FIGURAS E FACTOS EXTRANGEIROS

A MULHER MAIS VELHA DO MUNDO

Chama-se Fatima e nasceu em Erki-Tirnovo, ha cento e sessenta e quatro annos, ou seja, com precisão, em 1764. Foi viver em Constantinopla em 1828, já viuva, com filhos e netos, a todos os quaes sobreviveu, encontrando-se hoje completamente só no mundo e sem outro

auxilio além do que lhe prestam algumas bôas almas.

Não obstante os seus cento e sessenta e quatro invernos, conserva todas as suas faculdades. A memoria é, por excellencia, prodigiosa, recordando-se ella, até com os menores detalhes, dos successos politicos que se desenrolaram na Turquia desde fins do seculo XVIII até a quéda do imperio ottomano.

PHENOMENO LUMINOSO NO MAR DAS INDIAS

O capitão de um vapor inglez publicou em uma revista technica de Londres uma curiosa observação por elle feita no mar, no estreito de Malacca, ha pouco tempo. Trata-se de um phenomeno luminoso, de uma série de raios curvilineos que parecem correr na agua, gyrando em

torno de um centro distante, com a concavidade dos raios voltada no sentido da marcha. O systema dessas ondas era perfeitamente regular; a largura das franjas luminosas foi estimada em cerca de dois metros, e a sua distancia é o dobro da largura.

O mais extranho do caso é que no intervallo das franjas luminosas appareciam amplas manchas de phosphorescencia marinha, sendo aquellas mais sombrias.

Acredita-se que esse phenomeno poderia ter origem na phosphorescencia dos organismos marinhos, manifestada em circumstancias excepcionaes e complexas.

PISTA DE PATINS ENTRE ARRANHA-CÉOS

Não haverá, certamente, no mundo, outro *skating-ring* como o que é reproduzido pela photographia que aqui se vê. Essa pista de patinação, original e pittoresca, é a formada pelos fortes gelos do inverno no tanque do Parque Central de New-York, pequeno mar artificial em que durante as bôas épocas do anno brincam com os seus barquinhos e as suas nadadeiras mechanicas os garotos dos bairros populosos que rodeiam o parque.

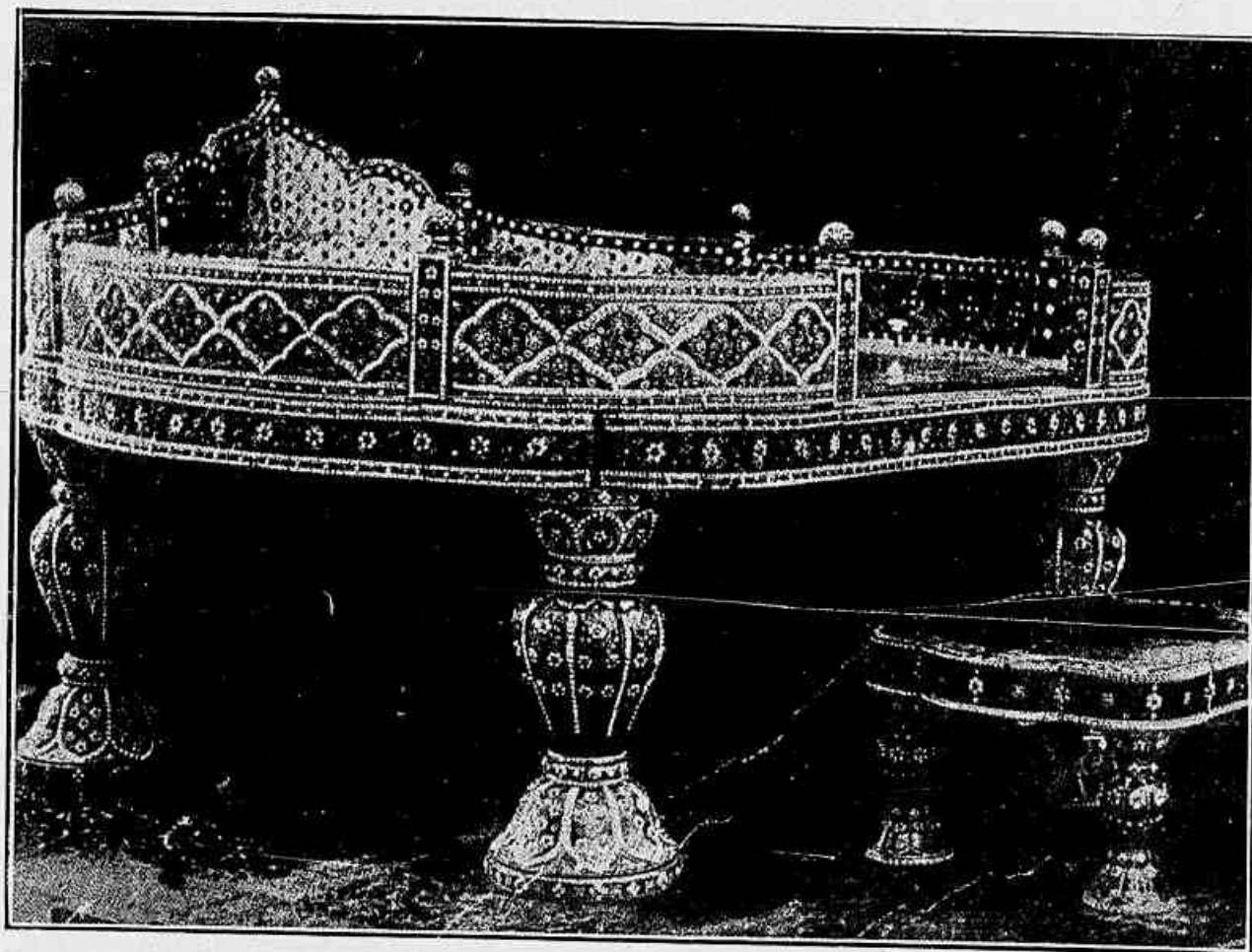
Poucas cousas serão mais curiosas que o contraste offerecido por esse *skating-ring* urbano, sob a sombra imponente dos arranha-céos new-yorkinos, de cujos

cimos podem ser contemplados, como numa visão de montanha, os brinquedos e proezas dos patinadores.

O RELOGIO DE CORDA AUTOMATICA

A photographia mostra o sr. Reuter, engenheiro mechanico francez, que acaba de offerecer a exame do Instituto Technico de Relojoaria, de Berna, o relogio ideal para distrahidos e preguiçosos.

Esse maravilhoso medidor do tempo, que se vê na gravura junto do inventor, dá corda a si proprio mediante uma engenhosa applicação do barometro ao dispositivo de molas. Basta a mais pequena oscillação barometrica para que, accionando certas rodinhas mysteriosas, seja dada ao relogio a corda que se gastou.

A POLTRONA MAIS VALIOSA DO MUNDO

E' a que, pertencente um dia ao thesouro dos sultões turcos, quando do confisco pelo novo regimen passou a ser de propriedade nacional, figurando agora no Museu Historico de Constantinopla como a sua joia mais preciosa.

Essa poltrona, que fazia parte do throno imperial, foi construida para o shah da Persia, Ismail, e em seguida transportada para Constantinopla. O throno é de ouro massiço, sendo ornados, poltrona e tamborete, com 22 mil perolas, rubis e esmeraldas. Foi avaliada essa obra de arte sumptuaria em 20 milhões de francos, ouro.

AS "SUFFRAGISTAS JAPONEZAS" EM ACÇÃO

Entre os projectos de lei submettidos actualmente á approvação da Dieta Imperial do Japão, figura o que concede o direito de voto á mulher. Como, ao que parece, a opposição conservadora não se mostra muito propicia a essa conquista feminina dos tempos modernos, a "Liga Suffragista" japoneza realizou uma activa campanha em todo o Imperio, conseguindo reunir mais de 20 mil petições assignadas, que procedem, na maioria, dos numerosos centros culturaes existentes no paiz.

Na photographia que acompanha esta

nota podem ser vistas as representantes da referida Liga dirigindo-se á Dieta Imperial com as petições. O contraste que offerece a indumentaria da moderna mulher japoneza com o tradicional *kimono* é em extremo curioso, demonstrando isso que se o elemento feminino nippon é partidario, em esmagadora maioria, do progresso em politica, não existe a mesma unanimidade de criterio relativamente ao abandono da tradição, no que se refere á indumentaria.

COMO SE CURA A GAGUEIRA NA ZULULANDIA

Empirismo e superstição foram sempre, desde a chamada noite dos tempos, o que constituiu a base da medicina popular, e continúa a ser assim entre os povos selvagens. Mas é de reconhecer, em face da photographia que aqui se vê, onde um curandeiro zulú trata da

gagueira soprando no ouvido do paciente com uma trompazinha de osso — o que não parece ser operação inteiramente agradavel, a julgar pelo gesto do operado, embora possa, em definitivo, ser efficaz — que é esse, entre os processos empiricos, um dos mais raros que se possam imaginar e provavelmente pouco recommendavel entre os selvagens.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

ALBERTO DE OLIVEIRA

O Principe dos Poetas recebeu a consagração suprema do seu tempo e dos tempos futuros. A sua figura inspirada ergue-se hoje no Jardim do Russell, no alto duma columna que é o seu novo throno de gloria. O primeiro, já nobilissimo e imperecivel, formou-o a sua obra.

Nenhum cultor das nossas letras as tem honrado com paixão mais alta e mais abnegado esforço. A sua vida é um continuo, esforçado, ansioso labor de arte. Os poemas com que enriquece a nossa lingua custaram-lhe, em talento, energia e tempo, mais que o bastante para edificar uma grande cidade. Os thesouros de cultura com que este poeta serve a sua inspiração, representam a conquista de sciencias vastissimas e das mais elevadas noções de belleza. E todo esse saber, todo esse labutar, toda essa aspiração de lustros e decennios, incessante e fremente, exaltada e insaciavel — tudo isso explende nas paginas dos seus livros, em estrophes de bronze, ensoladas de genio.

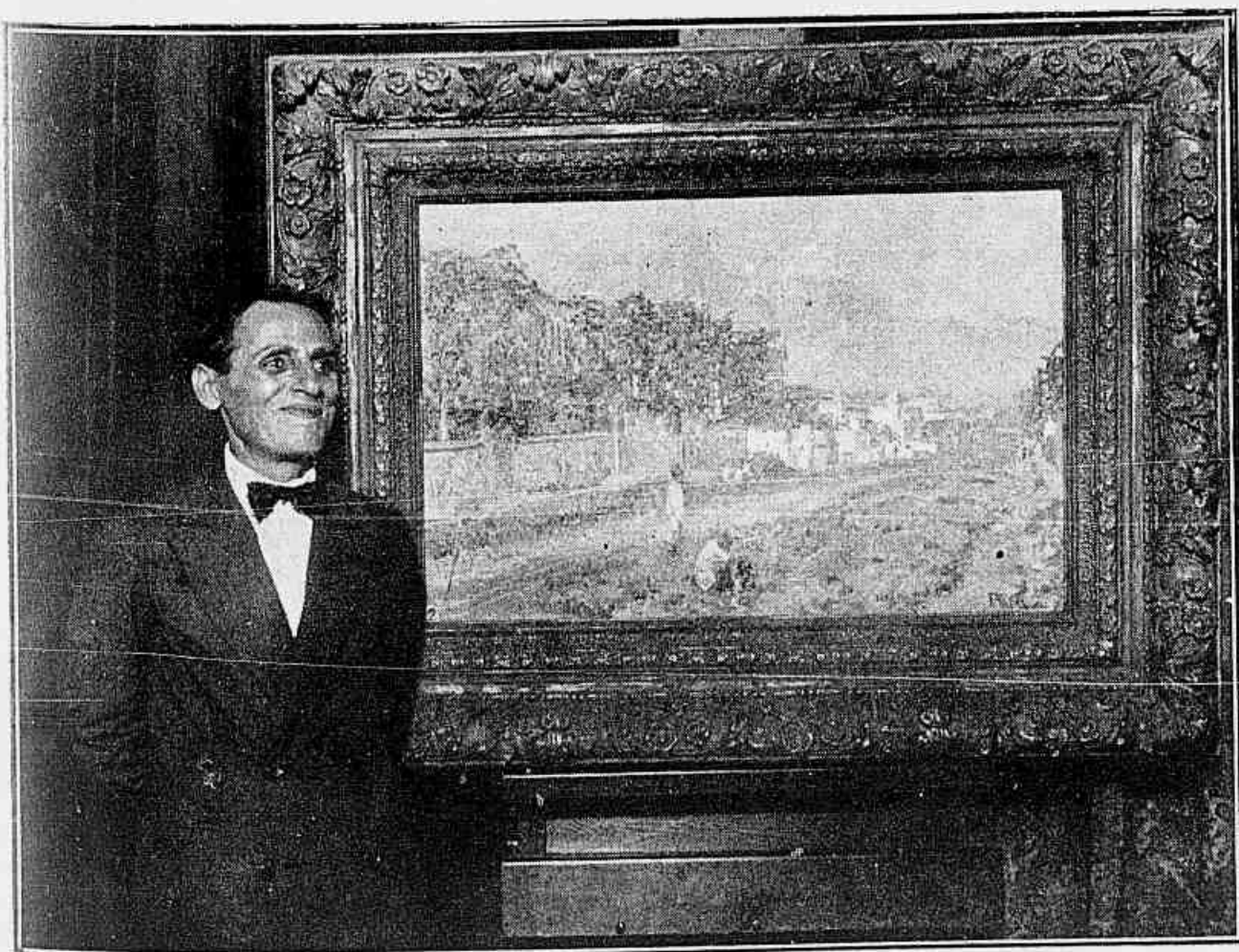
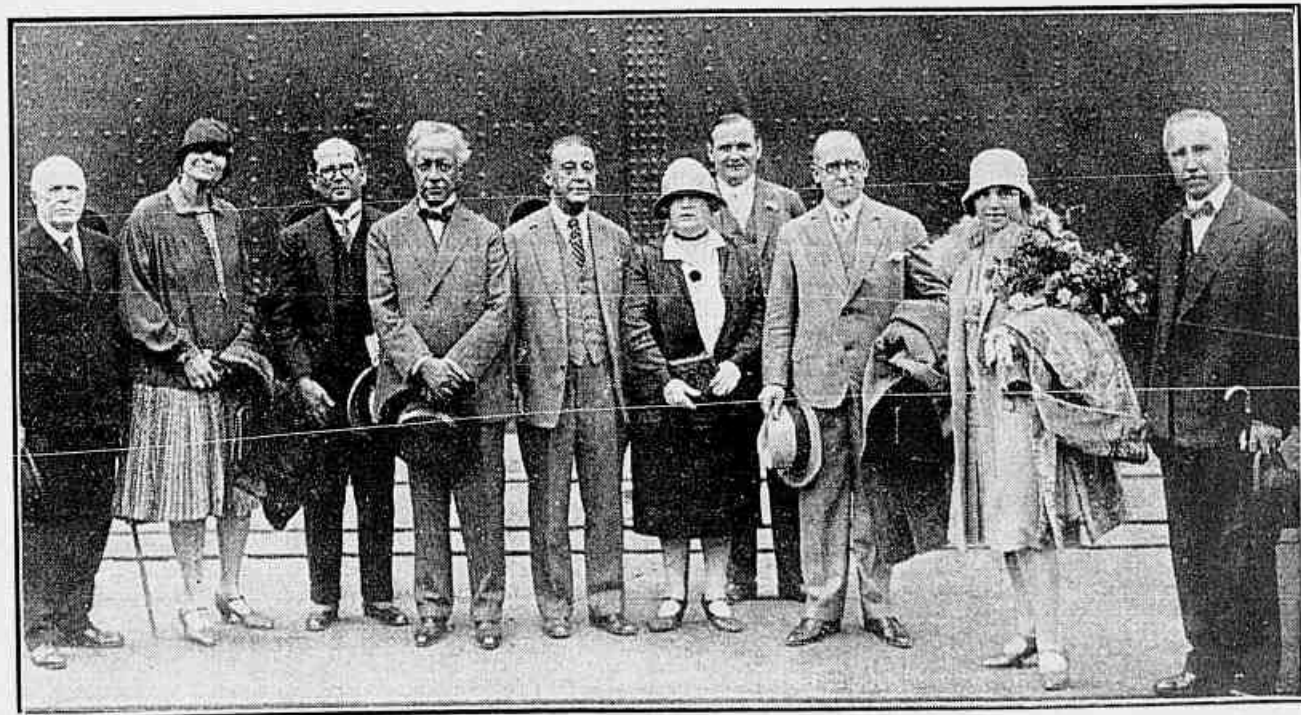
Alberto de Oliveira foi, com Raymundo e Bilac, o paladino duma arte que os poetas brasileiros não haviam apprehendido ou julgavam inaccessivel aos impetos e ardores do sentimento da raça. Aquelle purissimo esmero verbal; aquella impeccavel justeza musical; aquella escolha extremada de imagens, de traços, de tons, de nuances, graças á qual — como disse um nobre critico — os poetas chegam a escrever, não com as palavras mas com a alma das palavras; aquella transposição de todos os pensamentos e todas as emoções para uma fórma sempre resplandecente e irreprehensivel — eis o ideal de arte que Alberto de Oliveira e os seus irmãos de sonho e de combate tornaram rapidamente victorioso nas letras brasileiras. Alberto de Oliveira foi sempre, incondicional e intransigentemente, um Parnasiano. Numa festa em sua honra, no salão do *Jornal do Commercio*, Olavo Bilac, tratando-o por tu com a ternura do mais intimo camarada, repetida e accentuadamente lhe chamou "meu mestre". Com effeito, assim como ha os mestres-pintores, na accepção particular que para o termo se formou nos *ateliers* parisienses, assim ha naturalmente os mestres-poetas. Alberto de Oliveira é um mestre de todos os rimadores. A sua obra em cada pagina offerece lições preciosissimas. Assim o reconhecem aquelles que o elegeram seu Principe; assim o proclama a Academia; assim o attesta agora este bronze, dando nova fórma á sua immortalidade.

A chegada ao Rio de Janeiro do primeiro ministro da Rumania no Brasil: S. Ex. o Sr. Dr. Caius Bredicianu, uma das mais illustres personalidades rumenas da actualidade, photographado a bordo, entre membros da colonia e patricios nossos. Vê-se entre os presentes, á direita do dr. Raphael Pinheiro, o Sr. Arthur Wraubeck, consul geral da Rumania na nossa Capital.

Grupo tirado no cáes do porto á chegada da brilhante pianista patricia senhorinha Ophelia Nascimento.

DEPUTADO SIMÕES FILHO

O nosso illustre confrade director d'*A Tarde*, da Bahia, é sem duvida uma das mais bemquistas e prestigiosas figuras da Camara dos Deputados. A mesma autoridade e o mesmo lustre que conquistara nas luctas jornalisticas, em breve os obteve tambem nas lides do Parlamento. A sua clara intelligencia e cultura esmerada; a lealdade e o nobre esforço com que sempre serviu as causas a que se tem dedicado; a propria sympathia, irradiante e dominadora, da sua pessoa — tudo isso concorre para dar ao dr. Simões Filho um logar de luminoso destaque, quer no mundo politico quer na vida social e mundana. E eis porque a sua volta das férias parlamentares gosadas naquella terra que todos os filhos amam e da qual todos os hospedes trazem a mais grata saudade, constitue para os amigos e admiradores do *leader* bahiano no Rio de Janeiro, motivo de franco e intenso jubilo.

EXPOSIÇÃO FRANCISCO MANNA

Tem sido grandemente apreciada, na Galeria Jorge, a exposição de quadros do pintor Francisco Manna. Nesta série de télas que, pela sua justa harmonia e caprichoso equilibrio, formam como que uma obra unica, entregou-se o artista á interpretação dos nossos aspectos urbanos. O desenho é sempre fiel, limpido e vibrante o colorido. E a obra do Sr. Francisco Manna tem tido realmente o exito artistico que merece.

Grupo tirado no cáes do porto á chegada do eminente professor A. Jakob, director do Laboratorio Anatomico-Pathologico do Hospital de Friedrichsberg e da Clinica Psychiatrica da Universidade de Hamburgo, que vem ao Rio, a convite do Sr. Ministro da Justiça, realizar um curso de aperfeiçoamento, de tres mezes. O eminente scientista allemão tem á direita, na nossa gravura, os professores A. Austregésilo e Juliano Moreira.

O Sr. Pedro Luiz Corrêa e Castro, que ascendeu a todos os postos no Banco do Brasil, pela sua operosidade e competencia, chegando ao posto de director, foi homenageado com um grande banquete de cêrca de seiscentos talheres, offerecido pelos seus amigos e admiradores e pelas classes conservadoras do Paiz. Ao alto, um grupo parcial dos convivas, vendo-se ao centro, assignalado, o homenageado, tendo á esquerda o senador A. Azeredo e á direita o Sr. Mostardeiro, presidente do Banco do Brasil. Em baixo: um aspecto parcial da mesa do banquete, vendo-se assignalado o Sr. Corrêa e Castro, que tem á esquerda o Sr. Affonso Vizeu, orador official da homenagem.

WRANGEL

Este nome tinha-se tornado um symbolo; deixara propriamente de pertencer a uma pessoa, para passar a constituir uma divisa patriotica; e os tradicionalistas, os fieis ao passado, os que, através de todos os tumultos e de todos os temores, se mantinham partidarios do antigo regime russo, proferiam-no como quem canta baixinho ou só para os ouvidos da propria alma um hymno de esperança.

As derrotas e agruras do Exercito Branco e as decepções acumuladas que o chefe devia sentir, cahindo-lhe, como golpes sem remedio, na fibra luctadora, não impediam que uma parte do povo continuasse a confiar no seu general, no seu heroe, naquelle a quem considerava o seu salvador. E fóra do paiz dos Soviets, um pouco por toda a parte se presava essa individualidade forte e pertinaz, inspirada e toda possuida da missão que tinha a cumprir.

A figura de Wrangel reflectiu-se pelo mundo inteiro. Tanto como o retrato de qualquer dos Chefes do Communismo russo, se multiplicou pela imprensa da Europa e da America a imagem do guerreiro quasi lendario, com a sua estatura formidavel, o gorro de astrakan atirado para traz, desafogando a testa ampla de sonhador, o rosto comprido que terminava num massiço queixo voluntarioso, o olhar amplo e profundo, como a visão que caminhava á frente

General Wrangel

dos seus passos para a batalha, para a Victoria...

Mas a Victoria, como a propria visão guiadora, ia fugindo deante delle, sem jamais se deixar alcançar. De etapa em etapa, levou-o para fóra do paiz que elle quizera reconquistar para a autoridade e as pompas do Imperio. Wrangel fechou no exilio a sua carreira de paladino. E heroe ditoso, que os deuses não chegaram a abandonar, a votar ao esquecimento, morreu ha dias, na Belgica, famoso ainda e ainda bem quisto.

O major Mac Crimmon, director da Light, entre amigos e pessôas da sociedade carioca que lhe offereceram um banquete, em razão da sua partida para o Canadá, em viagem de repouso.

FILIGRANAS

Uma anciedade, sem ser afflicção, se estampava no olhar dos presentes. Após um ligeiro repouso transpuz um reposteiro da Persia e encontrei-me, pelo valor que me emprestava um cartão de um amigo, numa saleta lindamente arranjada. Almofadões finissimos espalhavam-se pelo chão e sobre os divans. Ao fundo, sobre uma mesa, umas lentes e apetrechos de chiromancia e astrologia... Em um canto a esphera astral luzindo á luz pallida de uma "veilleuse". Alguns instantes decorridos e Mme. Anais appareceu sorridente, cumprimentando-me. Era feia como geralmente o são as mulheres desse genero. Palestrámos. Em seguida, pedi-lhe que dissesse alguma cousa de mim... Ella silenciou. Decorridos instantes, proferiu algumas palavras que eu mal percebi, e tomando de umas cartas baralhou-as e atirou-as sobre a mesa. Ao terminar, tomando-me delicadamente a mão esquerda, pegou de uma lente e applicando-a em cima, foi dizendo tanta cousa que eu fui ficando um pouco atordoado... Quando chegámos a falar do futuro ella contou-me "que me estava reservado um muito bom", e outras cousas, innumeras cousas de que eu não me recordo mais... Apenas uma phrase me ficou gravada na memoria: "Que eu havia de ser feliz, bem feliz"... E, no emtanto, até hoje espero encontral-a... a felicidade... Tenho visto sempre em sonhos a felicidade...

E nunca... já se vão tantos annos... Quando!? Quem sabe? Talvez, nunca...

—

Sentada no bar deante de um copo de refresco, a linda creatura olhava indifferente o vae-vem continuo dos viciados. As outras passavam, voluptuosas, sózinhas ou acompanhadas... As horas succediam-se e até o raiar do dia, ás vezes, a rapariga alli permanecia isolada. Quando alguem lhe dirigia a palavra ella respondia como somnambula. Via-se em seu rosto de linhas delicadas, um desgosto profundo. Suas amigas troçavam-n'a. Ella respondia muitas vezes com a sublimidade de uma lagrima no canto dos olhos. Era assim todos os dias. Contingencias extranhas obrigavam-n'a a voltar... Percebia-se, num simples relancear de vista, que ella não era para aquelle meio.

Coitada! Razões, fatalmente, as possuia. E a mais forte de todas era sempre a mesma: — os homens.

Por que o Destino tem caprichos injustos, minha amiga?

—

Paris, áquella hora, toda illuminada, era um grande mysterio cortado pelas aguas azues do Sena rumoroso. Parecia a cidade da solidão e dos enigmas! Descendo um dos boulevards, despreoccupado, numa esquina, um vulto de jovem se me depara. Cabelleira á ingleza, muito pintada, mas formosa, esguia sem ser magra, tinha o todo encantador das filhas de Lutecia... Encaminhando-se para mim, sorriu e pediu-me qualquer cousa... "Un franc"... e seguiu na minha direcção. Seu traje, nem muito pobre nem apparatoso, simples porém elegante, era de quem deseja esconder sua situação com a apparencia.

Caminhando com a pequena ao lado, já captivo de sua graça inconfundivel — não fosse ella franceza — tão tarde da noite, suggeri-me a idéa de perguntar-lhe alguma cousa, e a medo, indaguei sua edade:

— Dezoito annos... respondeu-me.

— Como ficas assim a estas horas pelas ruas?!

— Não... eu ia...

E como se recusasse dizer, estacou.

— E teus paes?...

— Mamãe está em casa e papae não tenho...

— Como?!

— Sim, não tenho...

Notando que a enternecia, mudei de assumpto.

— Que fazes durante o dia?

— Sou costureira de um "atelier"...

— E com isso não te contentas? Por que saes á noite, assim?

A pequena, ruborisada, entre um sorriso nos labios côr de sangue e uma nevoa de pranto no olhar, proferiu:

— Ah! nunca! A vida está tão cara... Eu sou "chanteuse" de um café-concerto... E terminou o que antes tinha começado a dizer:

— Eu ia ao café-concerto...

Numa praça, a pobresinha deixou-me e seguiu como uma flôr do lodo que o vento fosse levando... Eu acompanhei com o olhar aquella filha do turbilhão das grandes capitaes, cuja origem se perde no anonymato miseravel das massas...

Era uma filha do redemoinho da vida hodierna.

PAULO NEREY.

Creanças

1 — Noemia, filha do sr. Annibal Falcão Lima, e d. Ironina Accioly Lima. (Maceió — Alagoas).
2 — Marly, filho do dr. Heitor Novaes e d. Eunice de Souza Novaes.
3 — Alcides, José e Moacyr, filhos do sr. José Coutinho de Rezende. (Pouso-Alegre — Minas).
4 — Izabel Fernandes. (S. Roberto).
5 — José, filho do sr. Ernesto Bartolotta. (Bello-Horizonte — Minas).
6 — Helio, filho do sr. Americo Bittencourt Machado. (Joinville — Paraná).
7 — Maria Augusta Azevedo. (Daltas).
8 e 9 — Yole e Lais Fabiano Alves, em companhia de sua madrinha Elza Barbosa.
10 — Jorge Alberto, filho do sr. Alberto Leistner e d. Djanira de Toledo Leistner.

"DIARIO DO RIO"

A imprensa carioca conta, desde terça-feira, mais um orgam que todas as apparencias indicam como destinado a prestar serviços de real valor.

E' o *Diario do Rio* que tem como director responsavel o sr. Augusto de Lima Junior e como director gerente o sr. R. Nonato Cruz. No seu artigo de apresentação, declara-se o novo jornal isento da presumpção — tão commum entre os que apparecem, mesmo sem saberem bem para quê — de vir preencher uma lacuna. Nem elle vê no jornalismo carioca tal lacuna, nem se arroga qualquer missão nunca por outrem exercida... E o seu desejo que ao mesmo tempo constitue o seu fito, é trabalhar honestamente e bater-se com lealdade pela realização do ideal patriotico de todos os bons brasileiros.

Sahindo a campo no Dia do Trabalho — que este anno se encheu da pompa, e da alegria do mais radioso sol no céo mais puro — o *Diario do Rio* surge sob um excellente augurio. E com as justas aspirações e os elementos valiosos que apresenta, deve triumphar.

Grupo tirado por occasião das homenagens de despedida prestadas pela Associação Christã Feminina a Miss Myrth King.

A festejada artista senhora Margarida Max, cognominada a Rainha do Theatro, na noite do seu anniversario, rodeada pelos artistas da sua Companhia, coristas, escriptores theatraes e pessôas amigas, não lhe faltando — dado o grão em que é estimada — as homenagens dos mais humildes elementos do João Caetano.

A BELLEZA

Meu amigo:

Nesta ansia constante de belleza, em que os meus olhos sensitivos recolhem todas as variantes das suas perturbadoras visões, quedo-me muitas vezes contemplativa ante esse repositorio e desfazendo a trama, deixo algumas fugirem para o negrume do esquecimento, emquanto occulto outras dentro de minh'alma, envoltas num carinho.

Quantas vezes um gesto, um passo ou apenas um olhar, ficam-me a voltar no pensamento, quaes mariposas estonteadas em torno duma luz!

Comprehendo, então, o poder infinito da fantasia: poder creador da belleza dum segundo, que se faz eternal.

Recorda-se do dia maravilhoso de harmonias de luz, em que você, vendo-me contente e emocionada me sussurrou baixinho: sabe que está bonita? Olhei-o admirada e surpresa respondi-lhe: a belleza é do dia. Disse-lhe a maior verdade: toda a belleza diluida em mim, meus olhos a haviam recolhido d'aqui, d'ali, d'alem ou — quem sabe? — mesmo de um pouco de você. A maior parte da belleza das creaturas lhes vem do exterior, pela penetração profunda do olhar; depois é que se irradia. A belleza simplesmente de contornos é a belleza plastica da estatuaria de Phidias ou de Cellini.

Essa outra é feita da energia do Sol, dum raio de luar, da polychromia das aves ou da alma errante e perfumosa das flôres.

Oh! o prestigio das cousas bellas do Universo!

Oh! o enigma da sua espiritualidade!

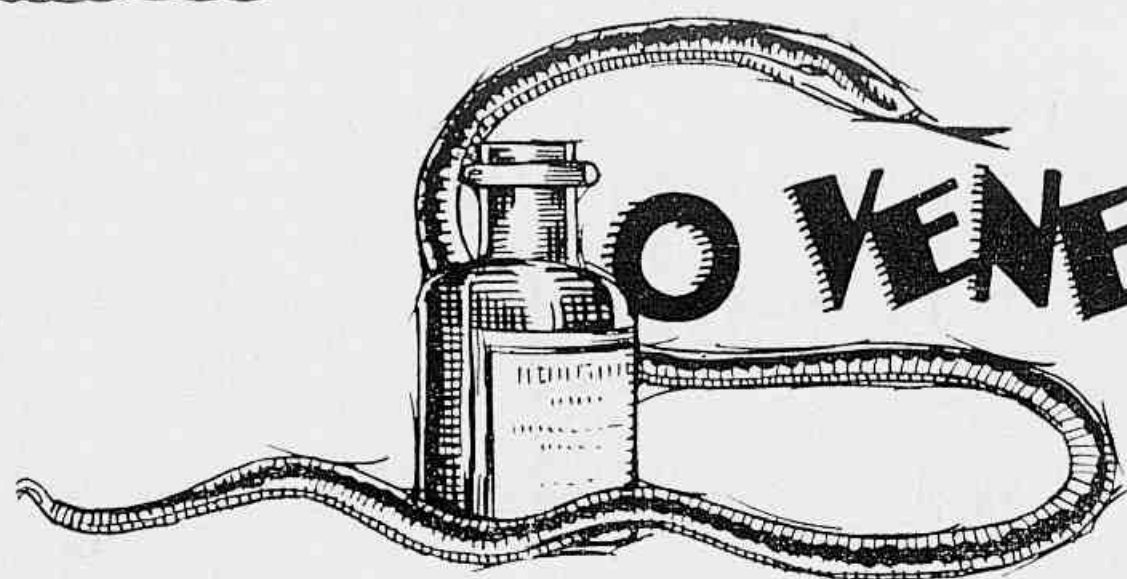
Oh! o toque maravilhoso das formosuras immateriaes!

Deixe, meu amigo, que eu busque como sempre, aqui, ali, e acolá, o facho da belleza com que procuro illuminar tudo quanto me rodeia, para que eu sonhe ao menos um pouco com a belleza que deve existir na Vida.

Affectuosamente sua

M. de L.

O VENENO ELEGANTE

por HERMETO LIMA

SE as grandes descobertas feitas pelos sabios fossem sempre para nos beneficiar, que bom seria! Mas trazem, desgraçadamente, o reverso da medalha. Nobel, inventando a dynamite, que consegue num momento perfurar tunneis e derrubar montanhas, deu, sem querer, o seu contingente para a fabricação da bomba explosiva, usada nas guerras e capaz de matar num segundo, dezenas de pessoas. Santos Dumont, contribuindo para a direcção das aeronaves, nunca pensou que ellas podessem servir de poderosa arma de guerra. E longe iriamos se quizessemos dar aqui a relação de todas as descobertas que trazem luzes á sciencia, mas que tem servido tambem de elemento destruidor.

Max Linder.

Entre essas descobertas uteis e prejudiciaes ao mesmo tempo, podemos destacar a cocaina. Tão preconisada na medicina como estimulante do systema nervoso, tem servido, infelizmente, para levar a desgraça a muitos lares.

Digamos, em primeiro logar, o que é a cocaina para, em seguida, entrarmos na apreciação de seus perigos.

A cocaina é um alcaloide extrahido de um arbusto que se chama Coca, cultivado na Bolivia e no Perú. Os indios da região, quando têm que fazer longas caminhadas, mastigam as folhas e assim conseguem anesthesiar a bocca e o estomago, supprindo, dest' arte, a falta de alimento.

Ha tambem em Java uma variedade de Coca que, addicionada á cocaina, contém outras substancias, que podem facilmente nella se transformar. A substancia basica é a ecgonina, inoffensiva em si, mas que se transforma em cocaina por um processo chimico especial.

A Coca era a planta sagrada dos peruvianos e desde os tempos immemoriaes foi empregada pelos incas para as grandes solemnidades nacionaes. As suas folhas eram queimadas nos altares do Sol, e quando o seu vapor perfumado subia ás alturas e se ennovelava sobre a cabeça do sacerdote, os votos que se faziam ao Astro Rei eram satisfeitos.

A Coca, que se cultiva na Bolivia e no Perú.

Fóra dos Templos, era empregada, ora como philtro, ora como remedio, que servia para todos os males. Usava-se tambem para preservar as faltas que porventura o fossem praticadas; apresentava-se aos moribundos e desde que elles com os labios conseguissem sorver o succo, estava-se seguro de que a sua morte seria suave. Sua influencia sobre a felicidade da vida era tanta, que nenhum indigena deixava de a trazer dependurada ao pescoço. Estavam convencidos de que a Coca tinha o magico poder de dissipar os negros pezares, as inquietações terriveis e os receios apavorantes. Calmava a colera, seccava as lagrimas, conciliava o homem comsigo mesmo e enchia-o de esperanças fagueiras. Destruia os desejos de vingança, os tormentos da inveja e reparava todas as desordens que as violentas paixões levavam ao espirito e ao coração.

Com tantas virtudes, os incas monopolizaram a Coca e achavam que ella era o melhor presente que se podia offerecer a um estrangeiro que se submettia ás suas leis.

Com a conquista dos hespanhoes e a consequente

Baudelaire, a victima dos venenos (Quadro de Emile Deroy.)

quéda dos incas, os seus sacerdotes não abandonaram os privilegios que a Coca possuia. Deram inicio á sua cultura, popularizaram as suas virtudes e o seu consummo entre as classes inferiores e forneceram ás administrações consideravel quantidade della.

Como se fica cocainomano?

A paixão pela cocaina, só comparada á dos fumadores de opio e á dos alcoolicos, resulta quasi sempre da administração prolongada da cocaina para fins therapeuticos. Certos doentes, que foram curados por ella, ao se restabelecerem não podem mais della prescindir, pelo bom gosto que sentem todas ás vezes que fazem applicação do remedio. Sentindo um bem estar extranho, o cocainomano torna-se um viciado; sem forças para se dominar, o desgraçado escravisa-se ao vicio e dahi a ser recolhido a uma casa de saude ha só um passo. O infeliz começa então a definhar e a emmagrecer, a empallidecer e a decahir physicamente, decadencia que coincide com uma grande diminuição de sentidos e que pode ir até á perda completa da memoria. O viciado sente uma multidão de pequenos animaes invadindo-lhe as pernas e por isso as coça desordenadamente; o seu appetite é perturbado; a uma inapetencia, quasi absoluta, succede uma fome pathologica, sobrevêm as perturbações mentaes, ora sob a fórma de excitação, ora, ao contrario, sob um estado de torpor. Vertigens, convulsões, ás vezes epileptiformes, eis a serie de males que a cocaina póde produzir.

Quanto á cura do cocainomano é muito problematica. A insomnia, que terrivelmente o persegue, induz a procurar em outros toxicos, como a verona, o sulfonal, etc., o meio de conseguir um somno reparador, mas, accrescentando sempre veneno sobre veneno, vê decorrer inuteis os dias de sua desgraçada existencia.

Alcaloide tão nocivo, que acarreta prejuisos tão consideraveis, não podia deixar de provocar leis rigorosas no sentido de os combater. Varios paizes, inclusive o nosso, punem severamente aos vendedores de cocaina.

Desgraçadamente andam elles por ahi pela cidade, aos pares. Recebem ordinariamente a cocaina como contrabando e vendem aos viciados, que conhecem de sobra.

Ha pouco tempo, a policia trancafiou um chinez que vivia desse commercio. Foi uma campanha para processal-o, porque appareceram pessoas poderosas se interessando por elle.

Uma pesquiza recente fez o publico ficar inteirado de que o celebre comico do cinema conhecido pela denominação de "O Rei do Riso", Max Linder, se entregara ao uso do Vicio Elegante. Elle que era alegre, tão alegre que mereceu dos seus admiradores aquella denominação, tornou-se triste, melancolico, máo esposo e máo amigo. O seu caracter transformou-se inteiramente, ficou irascivel, queixava-se de que era um desgraçado, a quem tudo faltava— quando, entretanto, elle era immensamente rico.

— Por vezes, a esposa procurava tranquillisal-o, mas os resultados da cocaina, que tomava todos os dias, mais se faziam mostrar, apertando-o nos seus tentaculos.

Assim, Max Linder tornou-se o mais infeliz dos mortaes. Sentia-se perseguido, via em cada um dos seus amigos um invejoso, e para calmar mudava de terra; passava a frequentar as praias elegantes, onde as mulheres lhe disputavam a honra de um olhar ao menos. Tudo isso, porém, só servia para lhe augmentar o tedio da vida.

Chinez vendedor de cocaina.

Um dia, Max Linder e sua esposa, amanheceram mortos na sala de um apartamento. Tinham-se suicidado.

Ahi por mil oitocentos e sessenta e tantos, appareceu um outro veneno elegante — o haschisch, planta originaria da India e que tomada produz sonhos deliciosos e cujos resultados da intoxicação são mais ou menos identicos aos da cocaina. Alguns escriptores celebres, tendo á frente Theophile Gauthier, fundaram um Club em Paris, onde os socios iam abusar do haschisch. Delle fazia parte o poeta Charles Baudelaire, que acabou victima de uma paralysia geral e sem poder articular uma syllaba.

Matou-o haschisch.

Cronica de Paris

AO chegar a este tempo, começa a roer-nos a preoccupação de encontrar uma formula simples para rejuvenescer os nossos vestidos, de tal maneira que, sem muito trabalho, possa parecer que são outros. A este proposito, convem fazer notar que são muito em moda, e muito faceis de juntar a qualquer vestido uns fios de strass, de lantejoulas ou de perolas, que desenhem e façam sobresahir o rebordo da saia. Tambem o entrançado de rabo de rato se usa muito para desenhar a linha do decote. Além disso, é preciso accrescentar mangas a todos os vestidos sem ellas.

Ao alto, á esquerda, um chapéo de feltro côr de malva simplesmente adornado com uma *bijouterie*. Ao alto á direita, chapéo virado em palha verde, com incrustações de pellucia do mesmo tom e um *pouf*. Em baixo, á esquerda, chapéo de copa preta. A' direita, chapéo preto, simplesmente adornado com plumas de ave do paraizo do mesmo tom.

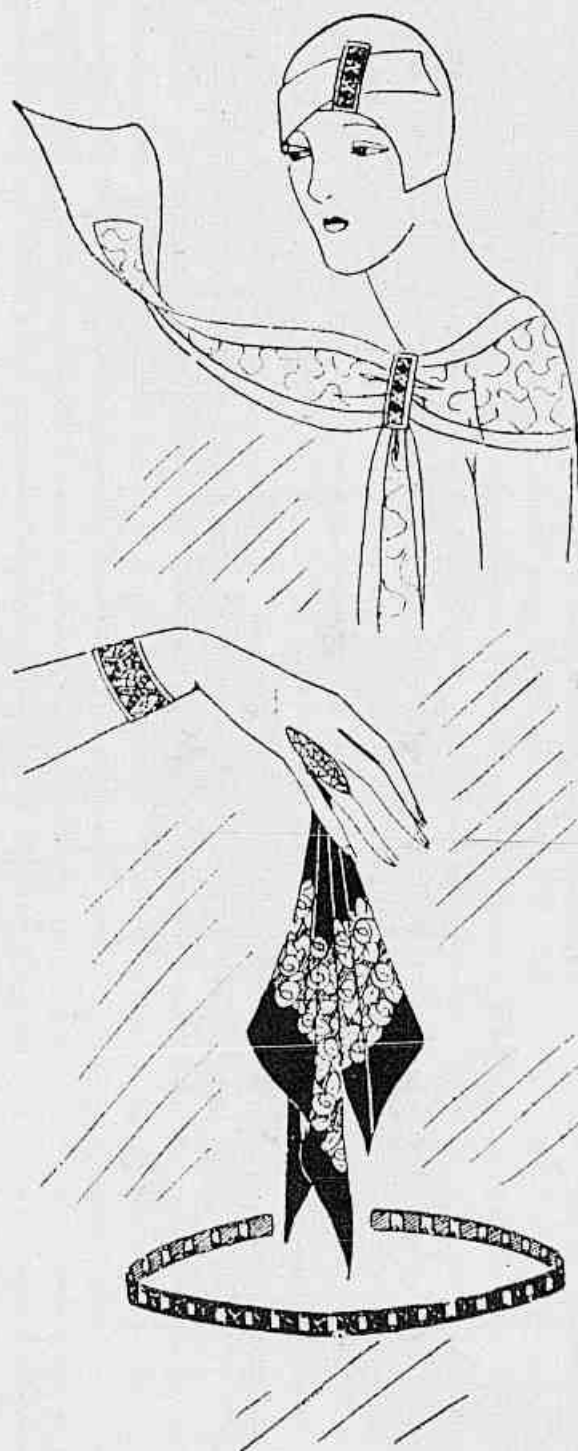
Conjuncto cuja saia é de crêpe da China verde acompanhando um *pull over* e um manteaux de Jersey strilex, do mesmo tom.

No capitulo de roupa branca, ha que registrar um importante acontecimento: á medida que as prendas de uso interior são menores em numero, refina-se mais a sua elegancia e o seu luxo. As côres mais em voga vão desde o rosa pallido até ao tango, passando pelo amarello e o malva attenuado. Os tecidos preferidos são os voiles triples, os crepons georgine, as telas de seda e os crepons de fio, que são trabalhados com mil detalhes; plissam, bordam, e incrustam com bordados antigos, como Malinnes, Alençon, entreabertos e pontos sobre tule. Estes encaixes são de côr cere ou do mesmo tom que o tecido em que se applicam. De todas as maneiras, sempre dão á prenda favorita o summo da elegancia intima.

Uma casa atreveu-se a lançar a saia calção; outra, contentou-se em crear um vestido, em que o côrte da saia faz com que esta se assemelhe a um calção curto; outra casa, emfim, lançou as calças curtas simplesmente, ainda que restringindo o seu uso aos vestidos de estylo, cujas saias são muito compridas e transparentes até muito acima ou bem aberta dos dois lados até á cintura. As calças curtas são de seda, e sempre da mesma côr que o vestido.

Nenhuma audacia parece bastante e, o que é mais curioso ainda, nenhuma chega a escandalisar. Talvez porque o freio do bom gosto está mais desenvolvido do que nunca e precavido contra o uso de taes coisas, a não ser no momento apropriado.

A. D'ENERY

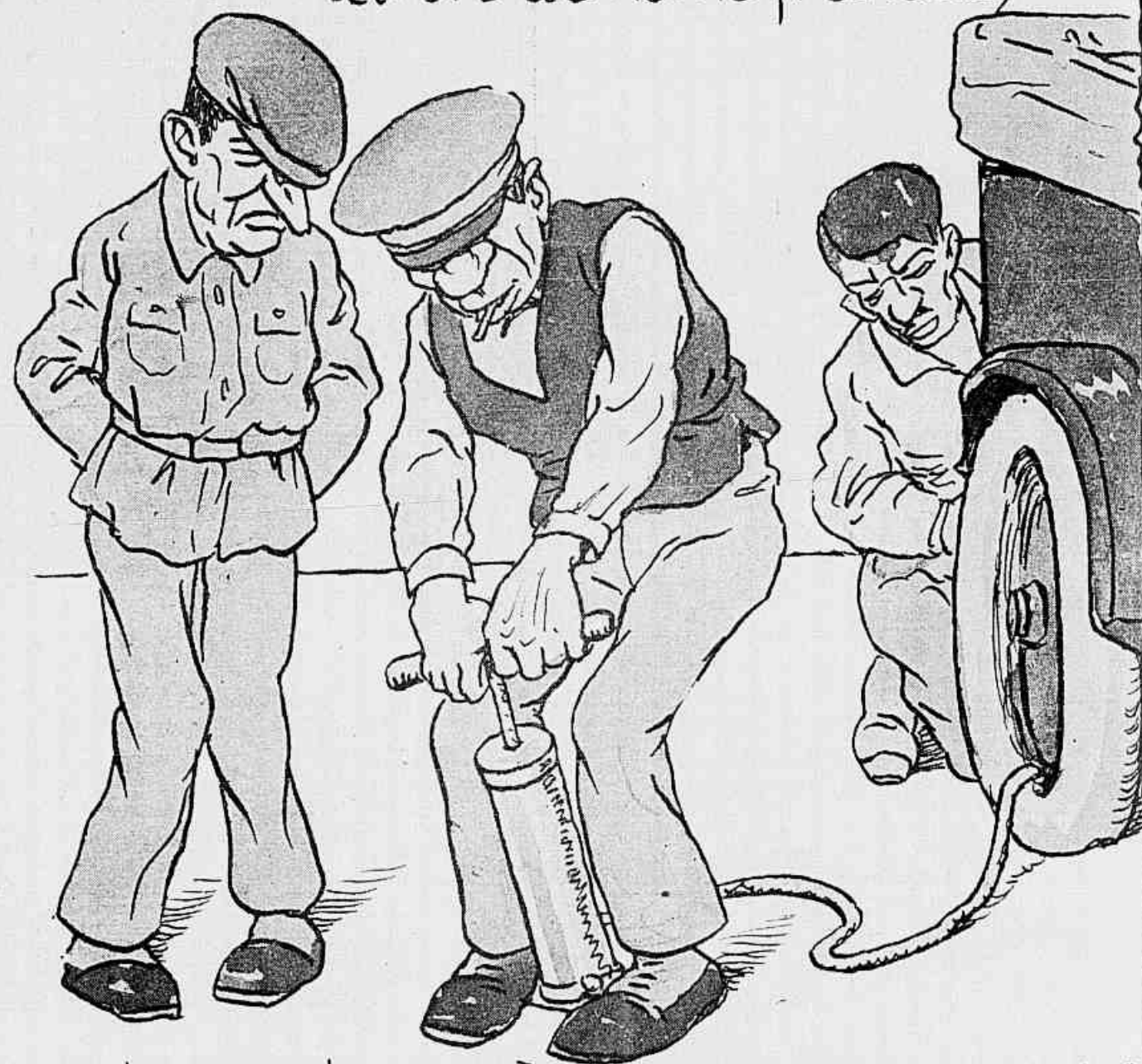
Vestido de musselina com grandes flôres. A saia é feita de duas pontas destacadas.

Chapéosinho enfeitado com uma barrete de brilhantes. A mesma barrete prende a écharpe.
Pulseira de diamantes; annel de diamantes em fórma de navette.
Lenço de musselina estampado passado no annel. Esses lenços estão muito em moda e são presos ou ao punho, ou ao dedo ou, como aqui se vê, ao annel.
Cinto feito de grandes cabochons de côr presos por pequenas perolas.

Manteau de crêpe setim preto enfeitado com incrustações de crêpe mate.

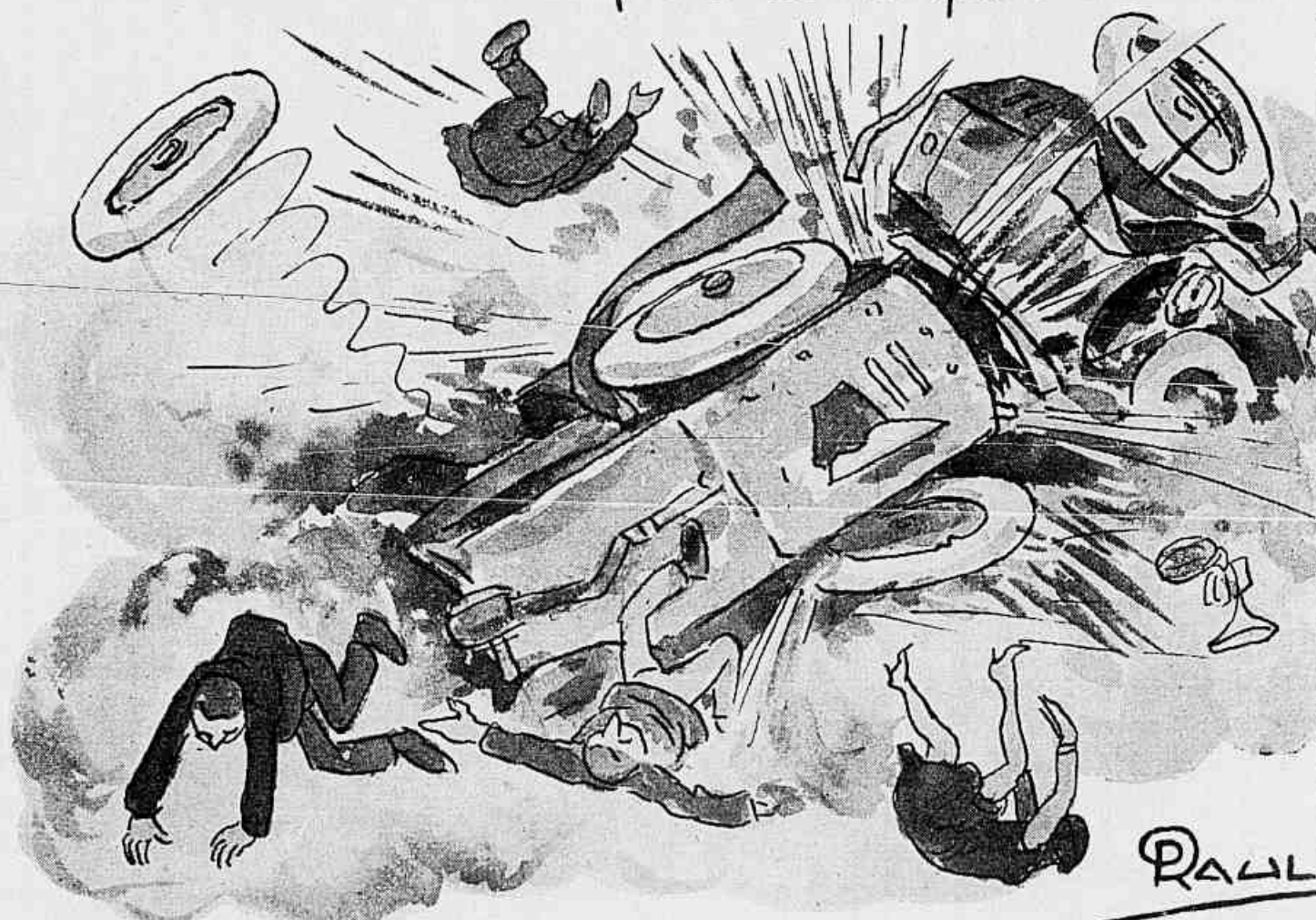
Um perigo...

"–Quá, seu Zéca! Isso de automóve não vae comigo. E' bicho pió do que mulhé assanhada! Vá vendo só:

GARAGE

"Começa querendo casa propria, com letrêro de nome francez;

despois tem chiliques e gosta de gastá a sola dos sapato como quê!

"despois bebe como uma esponja!

e sustenta o tá de gigolô, só pra desandá

nessas dansa trapaiáda de nome ingrez"

RAUL

MODAS • COSTURAS E BORDADOS ▣ A VIDA NO LAR ▣ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ▣ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

A MODA

Os taffetas voltaram a ser um dos favoritos da moda, pondo em voga os vestidos de estylo, tanto para o dia como para a noite, mas sobretudo para as ceremonias e as soirées.

Com o taffetas, fazem para de dia vestidos que tem muito encanto e novidade. Tem um genero romantico habilmente modernisado. A roda é, no taffetas, o segredo da sua graça, fazendo brilhar os seus reflexos, e por essa razão são as suas saias dispostas em flexiveis godets, babados lisos, que ondulam com o movimento.

Devido a sua rigidez — apparente pelo menos! — é preciso que esse tecido fique bem esticado sobre o corpo, para afinal-o. Por esta razão, os vestidos de taffetas afinam as silhuetas.

OS VESTIDOS DE ESTYLO

N.° 1 — *Madrileno* foi o nome que Jean Magnin deu a este seu vestido de estylo de taffetas branco com babado de renda preta. O corpete tambem é feito com a mesma renda e uma flôr de velludo vermelho guarnecco. N.° 2 — *Menuet* é o nome desta creação de Lanvin de taffetás azul pallido combinando na parte de baixo sómente com algumas petalas de taffetás rosa pallido. A pala é formada por tiras dos dois taffetás entremeiadas com tiras de tulle, o mesmo tulle termina as petalas. N.° 3 — Manteau e vestido de Worth. Ao manteau deu elle o nome de *Béguin*, é de um setin branco acinzentado guarnecido com pelle de rapoza de tom escuro. O vestido foi baptisado *Quelques fleurs* e é de gaze laqué branco, beige e castanho. N.° 4 — Lindo vestido de estylo de Cheruit, de mousseline branca, guarnecido com entremeio e renda Valenciennes ocrée. Bouquet de flôres do campo na cintura.

E' o preto e o azul marinho, sobretudo, que são os mais empregados para os vestidos de dia. São bordados incrustados com guipures, guarnecidos com tiras de tulle grego ou renda do mesmo tom. Essas tiras são collocadas na barra da saia, em transparente, ou em palla nos corpinhos. As mangas dos vestidos de dia são compridas; no emtanto para as moças — um dos encantos do taffetas é que elle diz bem em todas as idades! — as mangas curtas, ou meias mangas, são em geral adoptadas. Esta volta ás meias mangas, ao terço ou quarto de manga é um dos interessantes caprichos da moda actual: ha tanto

:: :: ULTIMOS MODELOS :: ::

N.° 1 — Vestido de seda listada branco e preto, viezes de seda branca. N.° 2 — Vestido de seda branca com pintas azul marinho, tiras do mesmo tecido azul marinho. N.° 3 — De shantung listado beige e marron, a golla echarpe é de shantung beige. N.° 4 — Vestido de linho estampado, fundo branco com rosinhas, viez côr de rosa. N.° 5 — Vestido de foulard branco com desenhos verdes, frente de mousseline branca pregueada, broche de jade. N.° 6 — Vestido de voile de seda branco com desenhos lilaz.

braço que ganha de não ser visto todo nú! E' tão difficil a natureza ser perfeita!

Os vestidos de estylo permittem-se para a noite e ceremonias, todos os coloridos claros, mas sobretudo os tons pasteis e os clacés furtacores, os coloridos Colombine. Os setins antigos, as failles, o setim dourado, ou prateado, flexiveis e baços, offerecem elementos de uma grande elegancia.

Fazem com essa especie de tecido corpinhos longos e lisos collocados sobre saias-turcas com pequenos babados plissados. Esses modelos tem um aspecto mais jovem e mais facil de ser usado, porque o vestido de estylo não diz bem senão nas pessoas que tem o busto fino.

Muitas saias amplas são mais compridas atraz, algumas mesmo chegando até o tornozello. São guarnecidas no lado de dentro com *balayeuses* de renda. Este detalhe é uma recordação de outrora: outróra, com effeito, usava-se pelo lado de dentro da saia em cima da bainha a *balayuse*.

As faixas estão tambem na ordem do dia, ou pelo menos em laços ou em fitas cahidas ao longo das saias. São os laços collocados mais para o lado esquerdo mas quasi atraz. As que são muito moças podem usar a faixa amarrada atraz com o laço borboleta, genero antigo.

Está se indo muito lentamente para a *tournure*. Alguns vestidos têm um avental comprido na frente e com umas ordens de babados que se juntam atraz numa especie de *pouf*. Os chapéos movimentam-se e estylisam-se assim como as guarnições. Os artistas esforçam-se para harmonizar os chapéos aos vestidos; tambem têm elles conseguido conjunctos verdadeiramente encantadores. A renda, as folhagens, as flores, as frutas, as plumas e a fita, as quaes foi dado o direito de guarnecerem, vão permittir lindas variedades.

—※—

PENSAMENTOS

Não é somente dando a vida aos seus filhos, é sobretudo educando-os, que as mães se tornam verdadeiras mães.

*

O medo é um estado de fraqueza que nos entrega sem defesa aos ataques victoriosos do inimigo.

MODA INFANTIL

1 — Vestido de crêpe-setim azul, o corpo é feito do lado baço, o babado plissado e o cinto do lado brilhante. 2 — Vestidinho todo plissado de crêpe Georgette rosa, cinto duplo e roseta de fita de setim côr de rosa. 3 — Vestido de foulard branco com desenhos vermelhos, viezes vermelhos. 4 — Vestidinho de linon branco bordado com linha amarella.

CONSELHOS SOCIAES

BREVE E CONCISO

Um prégador celebre contou que um homem a morrer, declarou: "Pude ter feito na minha vida mais de uma coisa errada, mas nunca fiz longas."

Parecia um homem da nossa época, para o qual o tempo parece cada vez mais curto. Em summa, deve-se ser o mais breve possivel, em todas as occasiões. A concisão é o caracteristico de um espirito claro, e tambem do que tem bom senso.

Quando descrever um ente, um objecto, uma paysagem, não empregue dois adjectivos, porque, geralmente, um só chega. E' inutil dizer uma coisa e exercer em seguida sua arte para redizel-a de uma maneira differente.

O habito de escrever traz muitas vezes a concisão, porque assim como um humorista disse: «escrever é atirar a bala contra o alvo, emquanto que falar, é procurar attingir este mesmo alvo com um jacto d'agua mandado por um tubo».

Actualmente, o mundo inteiro, apressa-se. A maior parte das pessoas estão e estarão sempre apressadas.

Aquelles que quizerem escrever para o publico, lembrem-se do que se passa numa classe de creanças assim que o sino da sahida toca.

Um longo artigo, com paragraphos bem compactos, tem tanta probabilidade de ser lido como as palavras de um professor tem probabilidade de serem ouvidas, se elle continuar a falar quando seus discipulos já estejam afflictos para se irem embora.

Um artigo curto, bem combinado, se contém uma

CAPRICHOS DA MODA. — Vestido de seda estampada e gabão de lã lisa forrado a seda egual á do vistido.

idéa, fará mais seguramente pensar que uma longa dissertação, porque dará mais tempo. Um artigo grande toma todo o tempo e, quando se acabou, já é hora de fazer outra coisa.

Naturalmente, é delicioso numa noite chuvosa, sentado numa cadeira commoda, ler os poetas que nos leva entre toda especie de amaveis fantasias.

Mas, quando estamos lançados na luta de todos os dias, é certo que aquelle que será melhor ouvir é justamente que diz em poucas palavras o que tem de dizer.

Os directores de uma certa revista americana pagam a uma mulher (escriptora ingleza) um dollar por palavra das suas historias breves. "Porque, dizem elles, ella põe mais coisas em dez palavras do que um outro escriptor põe em geral em duzentas".

Um modelo que muitos escriptores poderiam estudar com proveito, é o telegramma.

Um telegramma atráe primeiro porque é curto. Dá probabilidade a idéa de ser apreciada. E, se não ha idéa, telegramma ou artigo, quanto menos, melhor será.

NOSSA ALIMENTAÇÃO

ALIMENTOS QUE ENGORDAM

Para obter gordura o melhor meio é alimentar-se sobretudo com os feculentos, milho, arroz, aveia, etc., e os oleosos de toda a especie.

As pessoas extremamente magras tem em geral uma perturbação de nutrição que se oppõe incons-

Véos de ultima moda, com a silhueta de um cavallo recortada em pellucia.

cientemente a sua engorda; essa perturbação é devida, a maior parte das vezes, a uma excitação nervosa do apparelho regulador das permutas organicas. E' preciso, portanto, assegurar ao systema nervoso uma calma absoluta, para favorecer o livre funccionamento do estomago, obtendo-se assim a justa proporção das fórmas que fica entre a gordura demasiada e a extrema magreza.

Juntando-se a acção eminentemente efficaz dos extractos de oleo de figado de bacalhau, dos phosphatos, do arsenico, e não esquecendo sobretudo que o repouso physico tem um papel importantissimo na assimilação das substancias absorvidas.

MENU DE JANTAR

SOPA SUBSTANCIAL

PASTELÃO DE PEIXE

ARROZ

COSTELLETAS DE VITELLA A MILANEZA

BATATAS COM MOLHO DE VINHO

BOLO DE MANDIOCA PUBA

CRÊME DE ABACATES

SOPA SUBSTANCIAL

Tomam-se algumas batatas cosidas e desmanchadas, um pouco de arroz de manteiga muito bem cosido, um pouco de feijão branco cosido com um pouco de toucinho e umas cenouras; passa-se tudo por uma peneira ou passador fino, regulam-se as porções conforme a quantidade de sopa e junta-se depois tudo num caldeirão, e com uma colher de páo mexe-se muito bem, juntando pouco a pouco o caldo de carne que já deve estar coado. Vae ao fogo até ferver e tempera-se com sal. Serve-se com torradas fritas na manteiga.

PASTELÃO DE PEIXE

Escamam-se uma ou mais tainhas, conforme seu tamanho, depois de bem limpas tira-se-lhes as cabeças e as pontas da cauda,

Enlace Herminio da Costa Martins-Marietta de Lourenço. (Em Petropolis).)

e depois são divididas em postas de tamanho regular, salpicando-as com sal.

Meia hora depois passa-se n'agua para tirar o sal, e arrumam-se num

prato que vá ao forno ou numa frigideira onde caibam á vontade, juntando-lhes uns camarões crús, algumas ostras com a sua agua. Põe-se 200 grs. de manteiga, uma pitada do pimenta, um pouco de salsa bem picada, um pouco de sueco de limão e o sal que fôr necessario. Em volta do prato ou frigideira põe-se uma tira de massa da grossura de uma moeda, molhando-a depois com um pouco d'agua; cobre-se a vasilha com a mesma massa, grudando-a na massa que está em volta. Apara-se

com uma faca a massa que sobra. Doura-se por cima com ovo batido e com o resto da massa, faz-se enfeites para guarnecer a tampa. Não deixar de fazer um pequeno furo na tampa, para que

não arrebente ao cosinhar. Depois põe-se a frigideira no forno para cosinhar o recheio e ficar a massa bem coradinha.

Pode ser empregado para esse fim qualquer outro peixe, e é mesmo a sardinha.

MASSA PARA O PASTELÃO

200 grs. de farinha de trigo, 100 grs. de banha, um ovo e uma pitada de sal. Juntam-se muito bem todos esses ingredientes, não amassando, mas espremendo a massa até que fique bem ligada.

COSTELLETAS DE VITELLA A' MILANEZA

E' preciso limpar muito bem os cabos das costelletas e em seguida batel-as com o batedor para que fiquem bem chatas; são ellas passadas por manteiga derretida e em seguida por farinha de rosca e queijo Parmesão ralado. Batem-se ligeiramente dois ou tres ovos, passam-se nelles as costelletas, e depois de novo na farinha de rosca e no queijo são fritas na manteiga cu grelhadas. Servem-se com môlho de tomates.

BATATAS COM MOLHO DE VINHO TINTO

Põe-se para cosinhar umas batatas, em seguida são cortadas em fatias e postas num prato de ensopado e cobrem-se com o seguinte môlho:

Junta-se a uma chicara de caldo coado uma colher das de sopa, bem cheia de manteiga derretida e meia colher de azeite, tempera-se com sal, cebola picada, uma pitada de pimenta e um pouco de vinho tinto. Engrossa-se o môlho com uma colherinha de maizena.

BOLO DE MANDIOCA PUBA

Batem-se bem 9 gemmas e 4 claras, juntando depois 230 grs. de assucar; depois de muito bem batido junta-se então 230 grs. de manteiga e 230 grs. de farinha de mandioca puba e o leite de um côco, batendo-se então tudo muito bem para ficar perfeitamente ligado. Vae assar em fôrma untada com manteiga em forno regular.

CREME DE ABACATES

Descascam-se alguns abacates, em seguida passa-se a massa por uma peneira; junta-se o assucar que for necessario para adoçar e o caldo de limões, bate-se muito bem essa massa com um batedor de ovos e põe-se numa vasilha dentro da geladeira.

Preceitos de hygiene

A GYMNASTICA

Todas as creanças precisam fazer gymnastica, mas sobretudo as creanças creadas nas cidades onde não tem em geral muito espaço para correr e saltar; é indispensavel fazel-as praticar uma gymnastica methodica.

Póde-se, sem nenhum apparelho e, por conseguinte, sem nenhuma despeza, fazer uma quantidade de movimentos e de exercicios combinados segundo a força, a idade e a conformação da creança. Se quer fazer-se alguma despeza, tem-se apparelhos fixos, cordas, barras, halteres, etc., com ajuda dos quaes é facil variar e tornar mais interessante os exercicios.

Deve-se fazer a gymnastica ao ar livre, ou, pelo menos, perto de uma janella aberta. A hora mais favoravel é a manhã, ou então á tarde, mas nunca deve se fazer á noite. Deve-se fazer o possivel para exercitar a gymnastica em jejum ou pelo menos, duas horas depois das refeições.

O vestuario mais apropriado para esses exercicios é o calção largo preso ao joelho por um elastico e uma camisa blusa de crêpe, que devem ser immediata-

Senhora Helena Rodrigues Ferreira, em Caxambú

mente mudados depois do exercicio e o corpo bem friccionado com uma toalha felpuda.

Em geral não se dá toda a importancia e não se sabe bem o que vale a gymnastica. E' a cultura regular do corpo como o estudo é a cultura do espirito. Um corpo sadio é para o espirito um instrumento docil e poderoso.

Não se deve confundir a gymnastica, como se faz muitas vezes, com a orthopedia, que só diz respeito a doença, ou com os jogos que a gymnastica não deve excluir, onde os movimentos das creanças são espontaneos e irregulares.

CONSELHOS PRATICOS

LIMPEZA DAS GARRAFAS

Põe-se dentro da garrafa que se quer limpar folhas de chá que já serviram e uma colher de vinagre. Sacode-se bem a garrafa e depois de despejar essa mistura enxagua-se em diversas aguas para tirar o cheiro de vinagre.

RECEITA PARA TIRAR MANCHAS DE OLEO

Essencia de terebenthina, 5 partes; benzina, 6 partes.

Esfrega-se a nodoa com um panno embebido nessa mistura. Depois que se

LIMPEZA DOS TECIDOS DE LÃ

Desengordura-se os tecidos de lã com fel de boi. Imbebe-se bem nelle, deixa-se ficar uma hora, depois esfrega-se muito bem e em seguida enxagua-se em agua pura.

PARA DESAMARROTAR OS VELLUDOS

O velludo é esticado por duas pessoas, pondo o lado do avesso para cima; uma terceira pessoa passa com um ferro quente; no caso do pello ainda não se ter endireitado, deve-se ao mesmo tempo que se está passando a ferro pelo lado do avesso, com uma escova, escovar-se o velludo pelo lado direito, no sentido que devem ter os pellos.

MEIO DE TIRAR MANCHAS DO VELLUDO

Dizem que o melhor meio para tirar as manchas de cera ou de gordura nelle, é tomar uma fatia de pão de trigo bem macia e pol-a na grelha, e assim que estiver bem quente applical-a sobre a mancha, e vae-se renovando a operação até que a mancha desappareça.

Mas esta receita original não póde ser empregada no velludo carmezim.

—⁂—

Parece-me que em volta das mulheres se estende mysteriosamente uma especie de circulo encantado.

tirou a nodoa é preciso lavar o lugar com agua e sabão e depois passa-se a ferro.

NODOAS DE SUMO DE LARANJA OU DE LIMÃO

Para fazer desapparecer essas nodoas, emprega-se o alcali volatil, que neutralisa o acido.

Basta embeber o lugar da nodoa com elle.

OUTRA RECEITA PARA TIRAR MANCHAS OLEOSAS

Cobre-se inteiramente a parte manchada com gesso em pó muito secco.

Renova-se a operação muitas vezes.

Ao fim de alguns dias a nodoa desapparece e sacode-se então bem o tecido.

Essa mesma receita tem igual exito nas nodoas de azeite no assoalho.

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas sobre tratamento da pelle e do cabello e hygiene da mulher. Dirigir correspondencia para a Rua Paysandú 111, Rio de Janeiro.

Gisa Brandão — O [em]branquecimento do cabello [nã]o se pode curar com [loç]ões. Uma boa hygiene [po]de retardar o embranquecimento. Mas uma vez [qu]e apparecem os cabellos [br]ancos, ha só um meio [de] os fazer desapparecer, [é] a tintura. O problema [est]á em escolher uma tin[tur]a que dê pleno resultado [e u]ma côr natural. A mi[nh]a *Tintura Liquida* é de [fac]il applicação, ficando [co]m tom muito natural. [Pa]ra as restantes informa[çõe]s que me pede queira [en]viar-me o seu endereço [pa]ra responder por carta.

Vamp. (Curityba) — Depois de lavar a cabeça com *Shampoo*, applique uma solução fraca de anil.

Mme. Andrade — Applique compressas quentes com a *Loção dos Cravos*, misturando á *Loção* duas partes d'agua. Em seguida applique o *Pó de Arroz Hygienico*.

Mme. Rabello — O *Tonico n. 9* fará cessar a quéda do seu cabello. Antes de principiar a usal-o deve lavar a cabeça com *Shampoo-Pó*.

Mlle. Alda — Nos climas quentes o *Crême de Massagem* é destinado, exclusivamente para a massagem. Se a sua pelle é secca empregue a *Loção para Embellezar a pelle*. Se é oleosa, a *Loção Adstringente*. Com qualquer d'ellas fixará o pó de arroz.

Zuleika — Para evitar o embranquecimento precoce experimente a *Loção n. 10*. E' preciso, para a saude do cabello, lavar a cabeça de 8 em 8 dias. A lavagem deve ser feita com *Shampoo-Pó*.

Laurinda — Não deve dormir com o rosto untado de *Crême de Massagem*. Este deve ser removido depois da massagem, lavando o rosto com sabonete *Sylkale*. Na agua misture uma colher do *Tonico da Pelle*.

Mme. A. S. (Petropolis) — Considere o uso do *Tonico da Pelle* conveniente para conservar a frescura da cutis.

Mlle. Beatriz — O rouge *Poziomka* é absolutamente inalteravel e de uma fixidez perfeita. Seu colorido é muito natural e delicado.

Alice — Uma escrupulosa hygiene da pelle é necessaria. No seu caso impõe-se o uso da *Loção Adstringente* e o *Tonico da Pelle*. Abandone o crême que está usando. Não deve usar outro sabonete senão o *Sylkale*.

Elisa — Tanto as espinhas como os cravos, nessa edade, indicam um máo regimen alimentar. Alimente-se bem. Para apressar o desapparecimento das espinhas e cravos use a *Loção para os Cravos*.

Mme. Godoy — São nobres os pensamentos que exprime em sua carta. O ideal da mulher deveria consistir em possuir um caracter são, uma alma recta e um physico bello. Que bella e humanitaria cruzada seria para a Associação dos Medicos brasileiros aquella que tivesse por objectivo fazer introduzir no ensino primario e secundario a cultura physica, para ambos os sexos!

Maria (Pernambuco) Na sua edade ha ainda remedios para fazer desapparecer as rugas que lhe apparecem no canto dos olhos. A massagem com o *Crême de Massagem* basta para afastar suas feias rugas. O processo mais rapido consiste no tratamento pela electricidade e luz. Ao deitar-se applique no sitio das rugas a *Loção de Embellezar a Pelle*. A mesma *Loção* serve para amaciar e clarear as mãos.

Cordelia — A belleza da pelle é um dos maiores predicados da formosura da mulher. Diariamente pratique uma ligeira massagem ao rosto, lave em seguida com agua morna ou fria e sabonete *Sylkale*, juntando á agua uma colher do *Tonico da Pelle*. Se a sua pelle fôr secca, depois de lavado e enxuto o rosto applique a *Loção para Embellezar a Pelle*. Sua pelle ficará suave e macia ao contacto. Para branquear o pescoço e braços applique a *Loção Adstringente* e o *Pó de Arroz Hygienico*. O effeito desse tratamento é notavel e immediato.

SELDA POTOCKA

CONSULTORIO ODONTOLOGICO

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião-dentista ALEXANDRINO AGRA, *á rua Rodrigo Silva, 28-1.° andar.* — *Telephone* 1828 *Central.* — *Rio de Janeiro.*

UM CONSELHO POR SEMANA

As creanças devem ser levadas aos consultorios dentarios, para exame da bocca, de 2 em 2 mezes.

Com esse cuidado, a creança terá sempre os seus dentes tratados com muita rapidez, não soffrendo as terriveis dores produzidas pelas caries profundas.

Delphim (Minas Geraes) — Uma colher das de chá para cada copo com agua.

Lave a bocca diariamente, á noite, antes de deitar-se.

Fernando Coimbra (Pernambuco) — Extracção.

Carlos Lobo Vianna (Rio G. do Sul) — Compressas quentes na região inflammada. Internamente, comprimidos Cessatyl. Tome 1 de 3 em 3 horas, até o maximo de 4.

C. I. M. A. (Rio G. do Norte) — Pode dar a sua filha o Calcio Vitamina, de Raul Leite.

E' um recalcificante energico e muito applicado ao caso presente.

Bento Ribeiro (Pernambuco) — Exame de raio X.

D. I. V. O. (Minas Geraes) — Acido chromico, 5,0; Agua, 30,0. M.M.

Narciso (Pernambuco) — Borato de sodio, 5,0; Glycerina, 10,0; Agua de Vichy, 200,0.

Lavar a bocca de 3 em 3 horas.

Vicente Ferreira (S. Paulo) — Erosão.

Gonçalves Barbosa (Minas Geraes) — Antes das refeições, de preferencia.

F. I. de Albuquerque (Minas Geraes) — Pois não.

Sabão de magnesia, 10,0; Carbonato de calcio precipitado, 9,0; Essencia de rosas, X gottas; Essencia de hortelã, X gottas; Essencia de alfazema, 1 gramma; Carmim, Q. S.

Nelson Soares (Amazonas) — Alcool a 90°, 1.000,0; Essencia de hortelã, 10,0; Essencia de badianna, 6,0; Essencia de aniz, 2,0; Tintura de benjoim, de cochonilha, ãã 5,0.

Misture e filtre.

ALEXANDRINO AGRA.

PEQUENAS NOTICIAS

N[o] dia 4 de Setembro de [18]70, ás tres e dez minutos da tarde começou a sessão do Senado francez, sendo a França um imperio e ás quatro e trinta minutos do mesmo dia proclamou-se a republica.

*

Os physiologos dizem que os jovens que não fumam crescem em altura, augmentam em peso, em largura de peito e em capacidade pulmonar, muito mais rapidamente que os fumadores.

*

As esponjas são muito abundantes nos mares australianos, especialmente as que tem a fórma de cone.

*

A locomoção de um vapor produz um vacuo na sua popa, de maneira que uma embarcação pequena poderia seguil-o sem necessidade de reboque.

*

Os antigos acreditavam que o uso da esmeralda robustecia a memoria.

*

As aguarellas desbotam rapidamente quando estão expostas a luz. Como ficou provado que a luz não tem acção sobre as côres se atravessar antes de chegar a ellas uma materia fluorescente, o sulfato de quinina, por exemplo. Mas como applicado directamente sobre a pintura alteraria as côres, é posta sobre o vidro (na face exterior) que protege a pintura, ou então nos vidros das janellas do aposento onde se encontram as aguarellas.

Como a solução é incolor, em nada altera a visibilidade do quadro.

PENSAMENTO

Reconhece-se o valor de uma mulher quando, perdendo o marido, soube junto aos filhos occupar o lugar do pae.